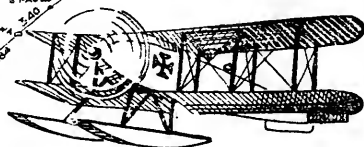
ALBINO COSTA

AS EPOPEIAS DA RAÇA

SACADURA CABRAL

GAGO COUTINHO

POR ARES E
POR MARES NUNCA
DANTES NAVEGADOS

PORTUGAL
LISBOA
CANARIAS
CABO VERDE
AFRICA
S. PAULO
FERNANDO NORONHA
BRASIL
RECIFE
BAHIA
PORTO SEGURO
VICTORIA
RIO DE JANEIRO

Alba

Tte.-Coronel da 2ª Linha do Exercito Brasileiro e Cavalleiro da Ordem de Santiago da Espada, de Portugal.

Membro da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro — Presidente Honorario da S. Caixeiral do Livramento e Socio Honorario da Associação dos Empregados do Commercio do Rio de Janeiro — Membro da Camara Portugueza de Commercio — Membro da Grande Commissão Portugueza do Centenario, do Rio — Presidente Honorario da Sociedade Beneficencia Portugueza do Livramento — Membro do Congresso dos Americanistas — Vogal de Honra da Commissão Executiva da Colonia Portugueza do Rio de Janeiro para a recepção dos aviadores Saccadura Cabral e Gago Coutinho.

A Epopeia do Azul

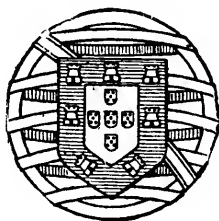
POEMA

Sobre o grande feito dos avidores portuguezes

SACCADURA CABRAL E GAGO COUTINHO

POR

Albino Costa

I Parte — **A Epopeia do Azul**
II Parte — **A Epopeia do Mar**
III Parte — **O abrir das primeiras azas**

RIO DE JANEIRO

Typ. d' O PHAROL—Rua Senhor dos Passos 60

1922

Ao Exmo. Sr. Embaixador,
Dr. Duarte Leite

— *Representante das Sciencias Mathematicas de Portugal.*

Ao Exm. Sr. Visconde de Moraes,

— *Pulso e coração da Colonia Portugueza no Brasil.*

Ao diplomata de escol, Dr. Alberto d'Oliveira,

— *Que, com o Dr. Justino de Montalvão, unificou a sociedade portugueza no Rio de Janeiro.*

Ao Sr. Dr. Alexandre de Albuquerque,

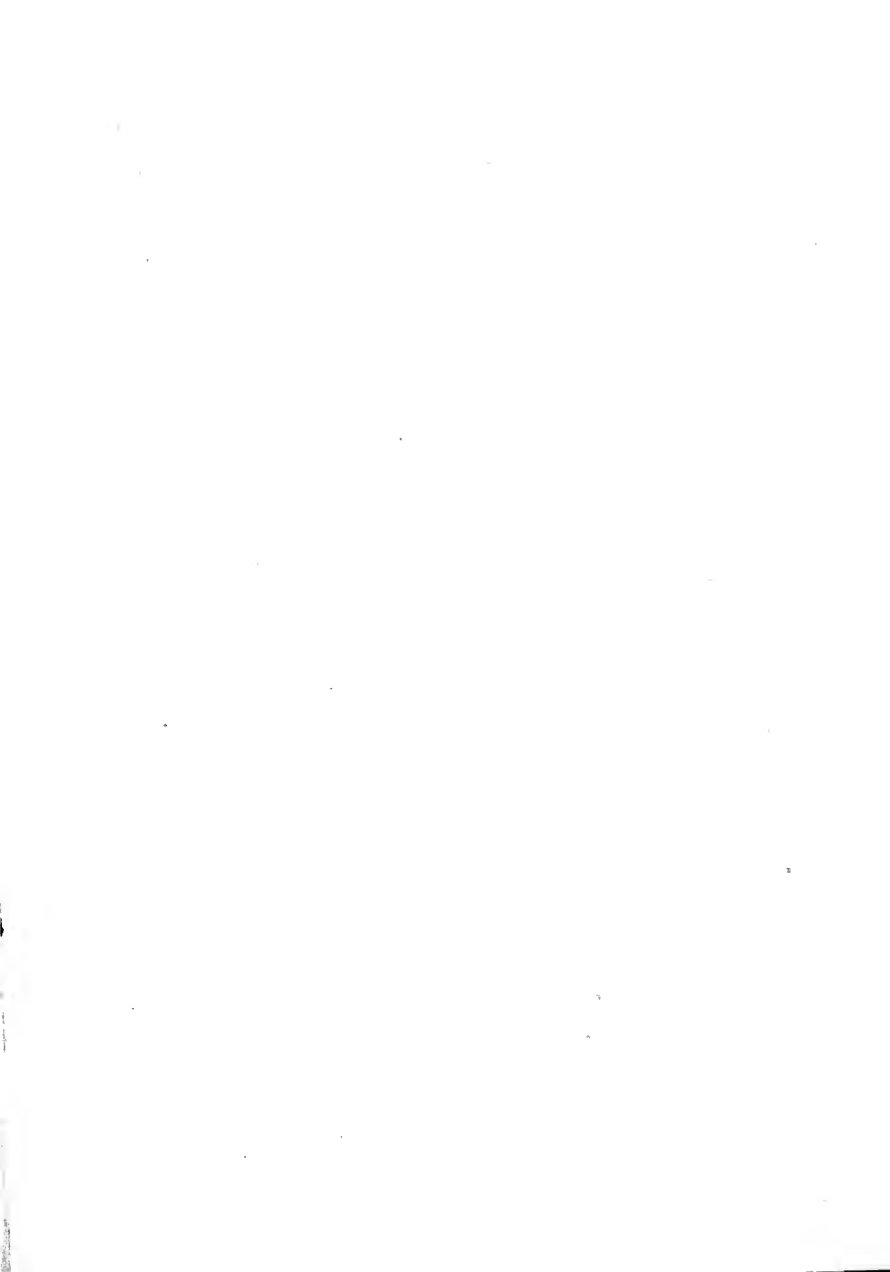
— *conterraneo illustre, mestre da Historia Portugueza, cujo solar patrio está em Silva Escura, fronteiro ao meu Cedrim, separadas as duas aldeias pela fita azul do rio Vouga.*

A Cedrim,

— *que, no primeiro favo de sol que colhi, ao nascer, antes do primeiro leite materno, doou-me á Alma a primeira ancia de vôo para o azul do sonho, a immortalisar o nome da Terra Natal.*

Aos meus filhos:

— *para que aprendam a amar a Historia commum das duas Patrias da nossa raça.*

O. D. e C.
este livrinho

Vozes da Communhão da Raça

A Embaixada official ao Azul!

. . . .

«Esta viagem, realizada pelo ar, vae accrescentar uma nova e admiravel estrophe á epopeia das viagens que os portuguezes outr'ora levaram a cabo, sulcando os mares.

O coração da raça ahi lhe vae, Sr. presidente, conduzido pelas mãos de heroes, uma empresa quasi sobrehumana.»

. . . .

(Mensagem autographica de 19-3-22 do Presidente da Nação Portugueza ao Presidente da Nação Brasileira).

O Summo Sacerdote da Alma da Raça:

«As duas patrias irmães clamam em vós, nesse coro de apotheose, a nobresa da raça, o genio immortal de que descendem. A gloria, alma das nossas descobertas, que unificaram e deslumbraram o mundo, evocada por vós, levanta-se da historia e vem saudar-nos.

A Patria exalta-vos e Deus abençoa-vos. Ha mais um dia em flor cantando e resoando na grande historia de Portugal,»

Guerra Junqueiro

A voz da Capital Federal

. . . .

«Surgi, Bem-Assombrados da Noite— Immortalidade! . . . Na aeronave da evocação, arrastae-vos até os Antepassados Glo-

riosos... E' vossa tambem esta Patria... Casa de filho, solar de Avoengos, lareira de avesinhas... Vinde, aqui vos espera o Baptista da Redempção dos Ares vosso filho, vosso coevo...

Sombras do passado, redivivas desta hora, mais que outra qualquer sem similar na Raça, distendei as dextras gloriosas, lançae a vossa benção... E' hora de familia esta hora do presente...

Aqui estão os triumphadores finaes do periplo das Indias do Azul... Demos-lhe o Galeão... Sem olhos, é verdade... Elles nol-s restituem, olhando como um lynce. Rastos de um sol mysterioso, vieram, encurvando um iris de amor e de gloria desde os alicerces da Torre de Belém até o sopé do Pão de Assucar... Arco pensil da Alliança entre as duas metades da oração da Raça — Portugal - Brasil...»

Raphael Pinheiro.

(Discurso em nome da Cidade do Rio de Janeiro ao desembarque, proferido deante de 200.000 corações emocionados).

A voz da Colonia Lusa:

....

Descobridores! ... Acabaes de descobrir a propria Patria, que estava sob um velario!

Podeis fechar as asas! ...

Alexandre d'Albuquerque

representando talvez meio milhão de Portuguezes desta e de outras capitaes do Brasil na saudação aos aviadores.

A mensagem da Alma Brasileira:

....

« Nação que vôa, terra alada, região ave, companheira da nuvem, rivalisando com os astros.

Déste-nos as primicias de tua grandiosa aventura e, antes que os teus seareiros, vindimadores e pastores suspendessem a ceifa e a apanha e deixassem os armentios sem vigia para acompanhar, com os olhos extasiados a tua passagem na altura, quizeste mostrar-te aos de longe.

Portugal da saudade —aos filhos que de ti partiram accorrestes primeiro, e aos filhos desses mesmos filhos e á terra moça que amas estremecidamente, porque não se esquece jamais a creatura que se viu nascer.»

Coelho Neto.

(Mensagem da Liga de Defeza Nacional, formada pelos homens mais eminentes de todo o Brasil, em cujo seio só ha cidadãos natos.)

A voz dos campeões do ar:

....

« Partimos do mesmo logar d'onde ha quatrocentos e vinte e dois annos se enfunaram as vellas das náus descobridoras das terras de Santa Cruz.

De lá, seis milhões d'almas empurravam-nos para deante, dizendo: ide ! De cá mais de trinta milhões estendiam-nos os braços para nos apertar e nos acolher, dizendo-nos: vinde !»

Sacadura Cabral.

(Exe. do discurso pronunciado na sessão solemne do Gabinete Portuguez de Leitura).

....

...... Sinto que sou Brasileiro sem deixar de ser Portuguez.

Gago Coutinho.

(Intervew aos representantes da Imprensa em Pernambuco)

A voz da Igreja:

....

Gloria a Deus nas alturas...
(Oração do Arcebispo da Bahia)

....

Gloria, Patria!

Vosso victorioso Raid repõe Portugal na vanguarda das grandes navegações da Historia.

Albino Costa

(Radiogramma expedido no dia em que os dois heróes pisaram terras do Brasil em Fernando de Noronha).

Soberania Brasileira:

Por lei especial do Conselho Municipal, sanccionada pelo Dr. Prefeito a Capital Federal, deu o titulo e soberania de cidadãos Cariocas aos almirante Gago Coutinho e commandante Saccadura Cabral.

PREFACIO

A simplicidade dos meus costumes e das minhas aspirações, sentiu-se extranhamente aturdida quando, em 1912, a Alma Portugueza, — a gloriosa Alma de Portugal, vibrou de sagrada emoção, no dia em que a grande Patria de Nuno Alvares e de D. João II. inscreveu no seu Patrimonio o seu primeiro avião,— as suas primeiras asas, a voar no espaço, — a baloiçar aos ventos e ao sol. acima do nosso solo bemdito e mais perto do céo de turqueza, que o adocella — a bandeira verde-rubra, que é a hostia sagrada, o coração vivo da Patria Lusa, — doado, esse passaro de aço, por um cidadão Brasileiro, que não deixou de ser Portuguez, na expressão linda do almirante Gago Coutinho.

Aos 15 mil corações, que, em Setembro de 1912, na bella praça mourisca do Campo Pequeno, de Lisboa, beijaram o coração do obscuro doador, numa outorga tacita de 6 milhões de corações portuguezes, — respondem 30 milhões de corações, divinamente emocionados, de Brasileiros, diante da façanha homerica de Gago Coutinho e Saccadura Cabral, realisando, 10 annos depois, num avião portuguez que trouxe, fluctuando aos ventos do mar, ao sol, acima das nuvens, a mesma bandeira, verde-rubra, que no monoplano *Deperdussin*, voára acima das aguas do Tejo, muito acima das torres e zimborios da velha cidade de Ulysses. E os dois *Farey*: — Lusitania e Vera-Cruz, — nesse raid — maravi-

lha da audacia e da sciencia mundeaes — vieram trazer a Alma de Portugal—desde a Metropole da raça Lusa, em romaria santa pela estrada de Santiago, visinha das estrellas,— a visita immortal á Alma Brasileira, sua irmã, que ha cem annos se separara do seio materno, para formar, independente e livre, a maior, a mais linda capital que o povo da nossa raça edificou na Terra.

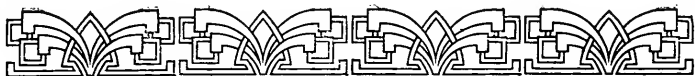
Trinta milhões de almas, no Brasil, beijando os dois heróes da travessia maravilhosa do Atlantico, realisam a communhão fraternal—eterna, indissoluvel, da raça.

E' esse consorcio divino que a *Epopeia do Azul* deseja solemnisar, cantando os feitos da raça:—quer os gigantes que lançaram á Historia esses feitos hajam nascido nas plagas septentrionaes do Atlantico, que a *Ursa* illumina, quer esses gigantes nascessem nas praias meredionaes do mesmo Atlantico, que o *Cruzeiro* corôa sob o pavilhão estelar da *Via-Lactea*!

Ao tempo que os braços e os corações de 30 milhões de Brasileiros se abriram para acolherem Gago Coutinho e Saccadura Cabral — felizes embaixadores da Alma de Portugal—abriu-se na eternidade do Tempo o grande livro da Historia que sagrou para sempre os seus nomes victoriosos!

Ai! Se a minha *Epopeia do Azul*, que flammuleja na consagração dos dois heróes, durasse, no roteiro do Tempo, a centessima parte da duração desse raid immortal,—estaria satisfeito o meu coração de feliz cantor da nossa epopeia do espaço.

Albino Costa

Rio, 30 — 6 — 922.

A EPOPEIA AZUL

—O meu poema tende a instruir os homens. — Homero, *Illyada, Dialogo com Meligenese.*

—Os poetas são oraculos e cridos pelo povo, e eu me fiz poeta para ensinar a verdade e ser crido. — Homero, idem.

I

— Vamos, Gago Coutinho! apresta o teu Sextante,
Antes que outra nação faça voar, adeante,
Por sob o nosso ceu sagrado a antena d'ave,
A silhueta azul de uma estrangeira nave...

Ha aprestos febris, faiscam forjas de aço, —
Hangares abrigando as grandes naus do espaço.

Pareo de nações... Nós, de uma arrancada só,
De uma escalada ao ceu qual não sonhou Jacob,
Deixando Prometteu agrilhoado ao rochedo,
— pois Luso coração nunca soube o que é medo —
Iremos, os dois sós, num raid sem igual,
A' conquista de ceus para o paiz natal!

Mundos, não os ha mais, já hoje, a descobrir,
Mas, o infinito azul, no infinito porvir...

Caravellas de antanho!... E o nosso avião, que passa!
Fundam-se em bronze a arder na unidade da raça,
Numa epopeia só, sem outra igual no mundo!
Do mar o abysmo attrai para o do ceu mais fundo..

Cahindo, — fique o gesto, o ímpeto, a memoria,
Nosso nome a ancorar dentro da patria historia!

Vencendo, — Portugal, sobre immortaes acções,
Retome o seu logar de leader das nações!
Icaro não vôou; teve somente o gesto...

Ninho de aguias, no hangar, estronda, formiga o apresto,
Numa ancia de voar, onde ninguem subiu!

II

—Saccadura, urge voar! Já Read retribuiu,
Do Lavrador ao Tejo em vôo triumphal,
A visita da nau de João Corte-Real...(1)

Meu Sextante está prompto — a velha ballestilha.
Pódem soprar tufões, não perderei a trilha!
Exemplo, dado ao mundo: a prioridade é nossa!

E' a raça — alma de Anteu — que vibra, que remoça,
Por mares e sertões... e pelo azul, triumphante,
A ensinar o caminho — guião! sempre adeante!

— A nau de Cão, (2) cortando a linha equatorial,
Apagou de Platão o annel de fogo astral... (3)

Zacuto, judeu Luso, emendou Ptolomeu (4)
E d'Aily, Monteregio, e, para medir o ceu,
Corrigiu o astrolabio ao Gama. Assim Cabral,
De secreto roteiro á mão, (5) em rumo Austral,
E em recta, a navegar por vagalhões de prata,
Marcou em Vera-Cruz a latitude exacta!

Pacheco descobriu as leis da gravidade, (6)
E das marés austraes a periodicidade;
Copérnico tomou de Magalhães o traço, (7)
O annel com que mediu outros mundos do espaço!

Nunes deu-nos o Nonio... (8) e, eu dou o meu Sextante,
Que nos fará rumar por esse espaço adeante,
Por esse infinito ar, nunca dantes sulcado,
Que o albatroz e o açôr jamais hão devassado!

Por lufadas hostis, corramos á victoria —
Ou á morte:—melhor!— a apotheóse da Historia!

Entre os astros e o mar — penas não ha nenhumas —
Ou o triumpho — a gloria! Ou a mortalha de espumas!

III

OS ROCHEDOS DE S. PAULO

— Faça alto!... Quem vem lá!...
Sentinella avançada
Do gigante Brasil, fiel vedeta, eu sou!
Desde que a Atlantida (9) nas vagas naufragou,
Fiquei só, neste deserto, desolada...

Atalaia ancorada, em guarda ao Equador...
Colhi bençãos das naus da insignia do Senhor!

Nem as aguias vem mais hoje poisar em mim!
E o mar, onde detenho o impeto do Gulf-Stream,
Destroe, pela syzygia, a hervinha da barranca...

Um dia surge um barco á vela, muito branca...

Homens pisar-me vi pela primeira vez!
Plantaram uma cruz como a que no ar Deus fez;
Nella o escudo; e, um pendão cor do luar, á mão!
Com uma cruz da cor do sangue de falcão!

E partiram, hasteando aos ventos a bandeira,
Rumo ao Sul, a talhar a Patria Brasileira!
— A mais linda, a maior de todas... Ella encerra
Gigantesca, todo um — nono do arco da Terra! (10)

Tubalkains, Titães, de esforço sobrehumano
Foram moldar nações nas forjas de Vulcano!...

Mas, foi por mar, em naus, que esses homens vieram...
Vermes! filhos da Terra — esses, bem sei quem eram!

Mas, tu, vens pelo ar! como a aguia ou a andorinha...
Faça alto — quem vem lá! — Aqui é patria minha!
E' o portal de entrada... Faça Alto! — Quem vem lá!

....

E, tua asa quebrou-se em minha escarpa...Assim!
Continencia que Deus mandou fazer a mim!

IV

BRASIL

Patria dos meus avós! Vejo-te a andar sosinha
Na pugna, entre as nações; a tua gloria é minha!

E' minha! Ella surdiu no bronze de um versiculo
De Homero, que escreveu seu primeiro capitulo,
Quando o Eden colocou no «Ultimo Pôr do Sol», (11)
Onde, em campina idyl, mais se alinda o arrebol...

Dos phenicios, colheu a tradição, tão boa,
Que Ulysses, seu heroe, veio fundar Lisboa, (12)
Na Tubalandia azul das ínsuas perfumadas, (13)
Dos pomares sem fim e das maçãs doiradas!
Milagre de Astartéa: — era o paiz divino! (14)

Seu rebanho, talvez, urdiu o Vellocino
Que Cánopus buscou na Cólchida do Poente...

Astôr sem navegar, fugiu de Troia ardente, (15)
Galgou o Herminio, áquem, de onde Hercules, o eleito,
Fez no fundo do mar as *Columnas do Estreito*...

Deslumbra um rol de heróes em teu berço natal...
Já Viriato tratou Roma de igual a igual!

E a Historia do paiz que á luz surgindo vinha,
Antes, um milenar, de nascer Roma, é — minha! (16)

Minha e tua! Nasceu de apotheóse e esplendores:
Homero e Camões são — seus geniaes cantores,
Um do teu solo amado. Outro da tua gente...

Homero — em que ilha achou sua Calypso ardente?
Camões — onde situou nossa Ilha dos Amores?
No fundo, ambos iguaes. Os seus eternos poemas,
Ligam-se em elos de ouro — a unidade dos themas...

No alto poeta do Cós, as naus, prôam para o Poente
D'alem Calpe: ao Elysio, extremo Oeste; ao mar, rente,
Um cabo, um promontorio: é o Sacro Promontorio!

E' Sagres! onde o Infante erigiu oratorio
A Neptuno, proseguindo a phenicia epopeia,
Tres mil annos depois: a descobrir os mundos,
Toda a terra em redor, todos os mares fundos!

No mappa de André Bianco, o Infante — mão gentil,
Põe lá mais para o Sul a palavra Brasil... (17)

Camões cantou o Gama, o Ulysses lusitano,
Que foi do Capricórnio ao Callicut indiano,
De Ophyr de Salomão á Aurea Chersoneso,
Deixando todo o Oriente ao Occidente preso...
E, escalonado por padrões do Escudo, a Esphera!

Que raça! A gente de hoje é como dantes era...
E' o sangue phenicio a arder dentro da raça!
Gente de terra e mar... e do ar! Só Deus a enlaça.

Raça! Déste o primeiro homem que voou no espaço!
E os que, contra os tufões, voam como aguias de aço:
— Gusmão, Santos Dumont, Cabral, Gago Coutinho —
Só podiam nascer entre o Uruguay e o Minho!

....

Gondoleiros do Ideal! Ide ao Alem... Vogai!
Fala Alguem a Moysés das nevoas do Sinay...
— Paiz em flor, paiz do Sonho — a Promissão... —
Tendes a Sarça-Ardente em vosso coração!

Braz Abrantes... A Ipéca espera ainda o outro beijo... (18)
Frei Henrique benzeu-o ao divinal lampejo
Da cruz: missal aberto — hostia erguida... Ipéca,
A' Missa florestal sob uma linda aréca,
Ajoelha e córa... A virginal liga quebrou-se!... (19)
— Primeira Communhão da Raça — consumou-se...
Na apotheóse do sol!

Um hymno ao longe ecoôu —
Na selva immensa, em verde mar, nas naus á vela...
O ceu, cupula azul, abre infinita umbella,
Ao innubio racial que — Deus abençoou!

. . . .

E a Raça fez Montijo, Loanda e Tuyuty, (20)
Bahia, Itoróró, Bussaco, Levantie!

Raça que, em teu avião, tem seu augusto expoente
Nos dois heroes que vem, nesse vôo immortal,

Feito ao sol, pelo azul — trazer-nos, sorridente, —
O grande coração de todo Portugal...
Beijar a Patria irmã, que no Brasil formou!
Cantar na mesma lingua em que Camões cantou,

— Que, do Minho ao Chuy, a terra e o mar domina: (21)
A grandeza commum de seus heroicos filhos —
Na Historia, que a não ha, de tanto lustre e brilhos...

— Evoé! Cabral! Coutinho! Eu vos saúdo... Gloria!
Vosso raid ao Brasil é a sagração da Historia!
E' a posse do espaço e a do Ceu, todo inteiro:
Desde o crystal do Tejo, — que a Grande Ursa illumina,
A' Guanabara azul — onde brilha o Cruzeiro!

Rio, 17 — VI — 1922.

(Recitada na grande Sessão Civica celebrada em homenagem ao Almirante Gago Coutinho e Commandante Saccadura Cabral no Theatro Lyrico, na noite de 22 de Junho 1922, pelo artista do *Orpheon Portuguez,* Sr. Saul de Almeida. Publicada na integra no *Jornal do Commercio* do dia seguinte.)

NOTAS

(1) João Vaz Corte Real, 1464, ap. Antonio Cordeiro. Read em 1919 realisou pelo ar a mesma travessia em sentido inverso, ambos via Açores.

(2) Diogo Cão, lançou o primeiro padrão do dominio portuguez no hemisferio Austral. Foi na foz do Zaire, a 8º lat. Sul. Antes delle os pilotos Santarem e Esteves, haviam passado o Equador alcançando até 1 1/2 graus latit. Sul.

(3) Era uma zona de fogo contornando a terra no Equador, que os philosophos e geographos da antiguidade diziam que separava os dois hemisph. Pedro d'Aily, 1410, foi o ultimo dessa opinião, illudindo Colombo, que o copiou.

(4) *Almanack Celeste* ou Astronomico, 1473. Lisboa. Ampliou a dimensão da Terra que, Ptolomeu, no *Almagesto* e d'Aily no *Imagus Mundus*, fazem muito menor. Antes de Zacuto e de Martin da Bohemia pôrem-se a serviço de D. João II, 1482 — não ha menção da applicação do *Astrolabio* á marinha. Estas descobertas conservam-se em segredo d'Estado. A applicação do Astrolabio á navegação deve ser tão importante quanto a applicação do *Sextante* do almirante Gago Coutinho á navegação aéria.

(5) *Vide a nota 10, adeante.*

(6) *O Esmeraldo de Site-Orbis*, dois seculos antes de Newton — diz sobre a redondeza da Terra: — Se se podesse fazer na terra um buraco muito grande e muito fundo, tão grande e tão fundo que este buraco sahisse do outro lado da esphera, e se se deitasse uma pedra neste buraco, esta não sahia do outro lado da esphera, ficava no meio!

A periodicidade das marés antarticas apparece pela primeira vez no *Esmeraldo*, com as suas horas de cheias e vasantes, 15 annos antes da Geographia de Ensiso.

(7) Só depois da medida geodesica tomada palas naus de Magalhães, circumnavegando a Terra, foi que Nicoláu Copernico pôde descrever a orbita dos planetas em redor do sol.

(8) Os Francezes confundem o nosso *Nonio*, de Pedro Nunes, 1492-1577 com uma regua graduada usada ou inventada por Leverrier, astronomo francez, que veio tres seculos depois, 1811-1876, São peças differentes.

(9) Talvez estes rochedos sejam restos da *Atlantida*, que segundo Platão, existiu a Oeste do Atlas.

(10) 1/9 do arco terrestre são 40°: dos cimos do Yakoutou aos 6º de lat, N. á foz do Chuy, pelos 33º 45 S. vão 39º 3/4

A actuação de Portugal, quanto ao Brasil, desde o descobrimento, foi toda secreta, clandestina; assim convinha ás *Razões de Estado*.

Portugal, com as mentiras sublimes da sua diplomacia. foi talhando nas *demarcaciones* de Hespanha, além da linha de Tordesilhas, o collosso immenso do sólo da Patria Brasileira. Cerca de 7 milhões de kilometros quadrados foram conquistados fóra da linha de Alexandre VI, a qual, segundo Humboldt e Warnhagen, que dão a medida portugueza, vinha de Belem do Pará á bocca da Laguna, deixando ao Brasil Portuguez apenas, o litoral maritimo, oriental, que pouco excedia de 1 1/2 milhões de kilometros! Ficariamos com metade da extensão da Argentina!

Na medida dos geometras Hespanhoes, as 370 leguas a oeste de Cabo Verde, recuavam a divisoria do Maranhão a Cananéa. Tinham estes razão, por que D. Manoel não deixou mappa nenhum do seu reinado traçar a divisoria ao sul de Cananéa.

Assim, essa epopeia do sertão, é, a meu ver, maior, mais arrojada que a do mar... Nella havia fome, a sede, as féras, os homens antropophagos, as settas hervadas, os rios immensos, a peste...

Tudo isto foi affrontado, vencido, pelos *Bandeirantes*, que não eram maltas de aventureiros, caçadores de escravos e de esmeraldas, como a mentira da diplomacia fez constar nas côrtes Hespanhola e alhuses, e se repete deploravelmente nas historias escolares:—mas verdadeiras expedições militares, protegidas pela bandeira real—que é o symbolo da Patria, para a conquista e demarcação do sólo da futura nacionalidade.

Esta epopeia não foi escripta. Apenas Olavo Bilac, nos deixou um lindo trecho no *Caçador de Esmeraldas*. Virá mais tarde um Camões que a cante, numa segunda *Lusiadas,* que ha de vir reconstituir esse 3° capitulo das Epopeias da Raça!

(11) Homero, influenciado pelas vivas descripções dos phenicios, navegantes que vinham da Lusitania, collocou o Paraiso Terreal no ultimo Pôr do Sol, isto é, no extremo poente, da terra então conhecida, que era a foz do Tejo e Promontorio Sacro,

Santo Isidoro de Sevilha, não obstante no seu tempo já Strabão, Plinio e Plutarco, terem feito recuar para as *Fortunadas*, hoje Canarias, o Paraiso, reivendicou para Andalusia a descripção de Homero, como se, mais ao occidente da sua *Hispalis*, não houvesse a velha Lusitania, onde o herói da Odysséa fundou Lisboa». Richard Major estranha que os Portuguezes não tenham reivindicado a paisagem paradisiaca de Homero para sua terra.

(12) Os latinos chamavam Lisboa, Ullyssipon (cidade de *Ullysses*). Depois, Julio Cesar denominou-a *Felicitas Julia*; com a queda da dominação romana, este nome cahiu para voltar ao de *Ullyssipon* ou Lisboa, em portuguez.

(13) Tubalandia: de Tubal, netto de Noé, primeiro rei da Lusitania, segundo Orosio, Britto e Pedro de Mariz, assim tambem os historiadores gallegos antigos.

(14) Astartéa — A deusa tutelar dos phenicios.

(15) Astor, cocheiro de Memnon; morto seu senhor, veio para a Lusitania e deu seu nome a *Asturias* e á ribeira *Astur*, affluente do Douro.

O erudito Odorico Mendes dá a guerra de Troia occorrida por 1850 annos A. C, sommando hoje cerca de 3800 annos, Será essa a edade de Lisboa?

(17) São já de typo portuguez os mappas de Bianco e Frá-Mauro; dos muitos cartographos que o Infante de Sagres teve ao seu serviço, presume-se que os utilisasse na sua afamada escola de cosmographía e mathemathicas. Refiro-me á edição de 1449, onde a ilha *Brasil* é posta mais ao Sul.

(18) Braz Abrantes, moço arraes da frota de Cabral, segundo Warnhagen.

Ipéca é a mocinha, filha do cacique que, no dia da chegada de Cabral, foi encontrado na piroga a pescar com a filha e pernoitaram na nau Capitanea, onde o almirante deu aos dois filhos da terra a mais pomposa recepção. Ipéca, que Pedro Vaz Caminha, acha mais linda do que as mulheres de Lisboa, apresentou-se nua a bordo. Cabral, mandou vir uma capa e pôz-lh'a aos hombros. A donzella colheu-a graciosamente, dobrou-a, pôl-a sobre o escabello e assentou-se em cima da capa. No dia seguinte. Braz Abrantes com alguns marinheiros foi á terra fazer lenha. Viu uma paca, Levou a arma á cara: matou-a.

Fizeram uma fogueira para açar a caça, quando chegou Ipéca, chorando a perda do animal de sua estimação. Braz Abrantes buscou consolal-a, enxugou-lhe no rosto e no corpo nu os pingos de sangue que correu do animalzinho...e beijou-a. Nasceu ahi um idyllio, que Shakespeare podia ter cantado melhor do que o de Romeu e Julieta—porque este é autentico, real, historico, e aquelle é sonho! Pena que Varnhagen não nos desse a fonte onde encontrou estes nomes. Foi o primeiro coração de virgem americana que se abriu a um coração de Europeu, ou melhor, a um Portuguez. No dia seguinte, Frei Henrique Coimbra, benzendo a terra nova, abençoou, sem o saber, o consorcio das duas almas, que oito dias depois, se separaram para sempre.

(19) Entre os indigenas, era costume, que ainda subsiste em algumas nações dessa raça, das meninas — quando entram na adolescencia, atarem uma liga na perna, que é, entre ellas, o symbolo da virgindade. Quando se casam, cortam a liga.

(20) *Montijo*, em 1643, primeiro choque do luzido exercito hespanhol com o recemformado exercito portuguez, logo após a independencia de 1640, Foi a batalha ganha por Mathias de Albuquerqne, pernambucano, bisneto da indigena que se casou com Duarte Coelho de Albuquerque.

Bahia. Sua restauração do poder dos Hollandezes evitou a invasão do Rio e todo o sul do Brasil. Foi uma victoria sem choque de forças, mas feita de duelos pessoaes, em que D. Francisco Rolim, com 100 portuguezes e um esquadrão de pernambucanos, mataram os cammandantes hollandezes de terra e mar; de modo que, os soldados bátavos, não tendo quem os commandasse, embarcaram na sua esquadra, que foi depois destroçada pelo almirante portuguez. Repetição dos *Doze* d'Inglaterra. Falta um novo Camões para cantal-a.

Em *Bussaco* havia guerreiros naturaes do Brasil.

Em *Tuyuty* havia cerca de 2000 portuguezes do commercio das cidades do Rio Grande, que o Barão de Caçapavas, general Andréa, presidente da Provincia, havia feito marchar nos corpos que o general Osorio formara. Aqui reproduzo um dos despachos do presidente Andréa, dado num dos requerimentos de recrutas lusos:

« Se sois portuguez,
Eu tambem o sou!
Marcha para a guerra
Que eu tambem lá vou! »

Itoróró, na marcha de flanco pelo Chaco. Foi maior a victoria de Caxias do que a de Napoleão em *Arcole*. Com os heroicos brasileiros, havia portuguezes, entre estes o ajudante de ordens, depois secretario, de Caxias.

Loanda. Foi o almirante J. Corrêa de Sá que, com portuguezes e mestiços de africano e indios, levados do Rio, reconquistou, com a fortaleza de S. Jorge, a cidade de S. Paulo de Loanda na Africa Portugueza. Este portuguez, nascido no Rio de Janeiro, tem uma estatua na cidade de Loanda, assim o brasileiro almirante Barroso, heróe de Riachuelo, nascido em Lisbôa, tem uma estatua no Rio de Janeiro.

Singular parallelismo historico entre os heróes da Raça!

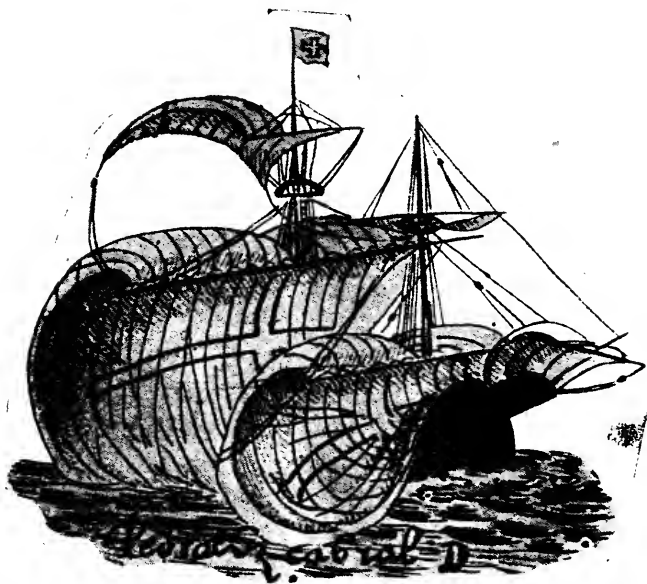
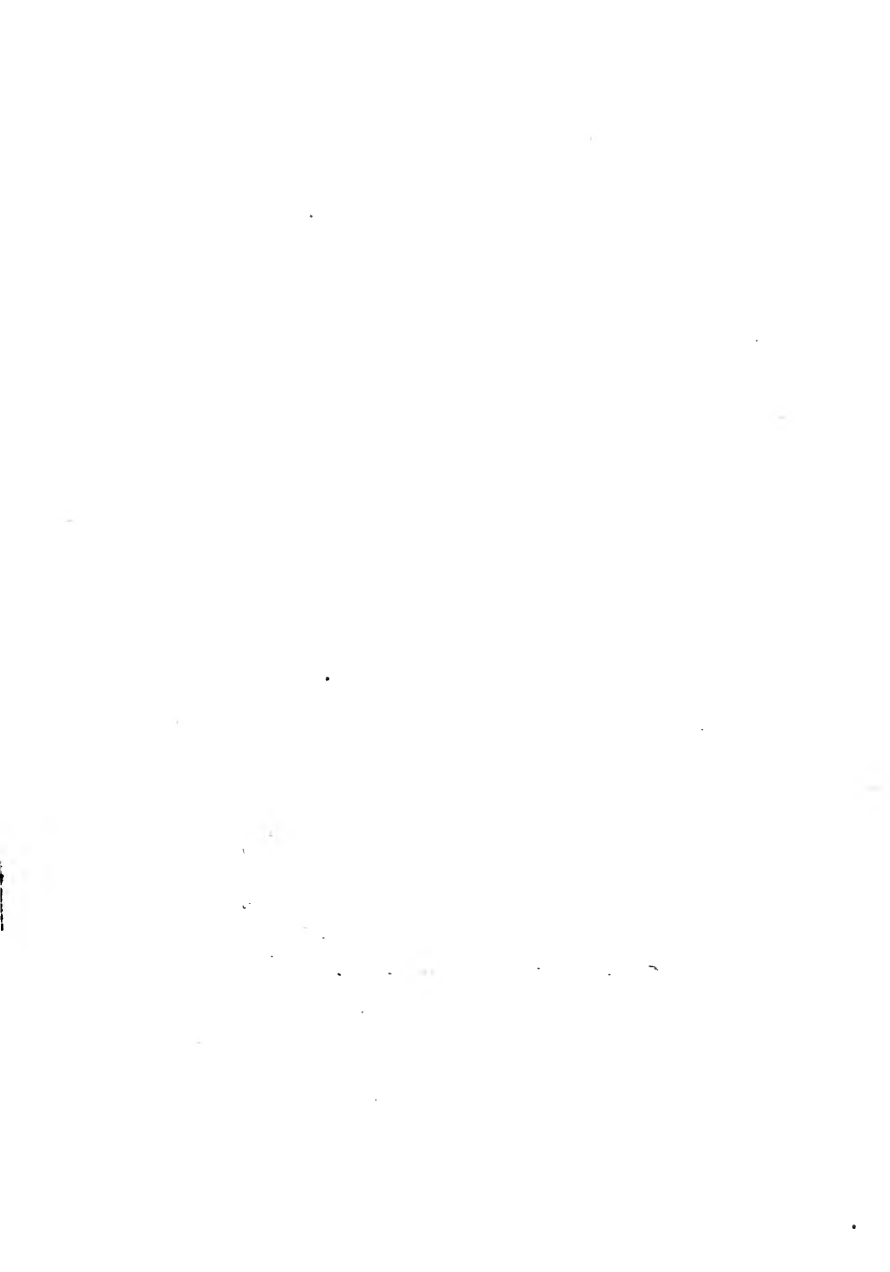
Por ultimo, *Levantie ou Armentiéres*, em que 7000 portuguezes, camponios, não quizéram retirar, salvando, com a sua resistencia, ultra-heroica a avançada sobre *Calais*, cuja tomada seria a destruição de Londres pela artilharia Allemã,

E' a epopéa da raça, que continúa, mais vibrante do que nunca: na resistencia de Levantie, pelos heróes anonymos do povo portuguez; no raid aéreo entre Lisboa e Rio, dos atletas Saccadura e Gago Coutinho!

E' a epopeia! Venham cantal-a tubas mais altas do que a minha.

(20) Diz muito bem o illustre general Correia Barreto M. D. Ministro da Guerra, no seu bello officio, adeante reproduzido, que entre Portugal e Brasil, nenhuma lingua se fala senão a Portugueza. Assim é: exceptuando as Canarias, que são adjacencias do continente Africano, toda a terra e todo o Atlantico, desde a foz do Minho à foz do Chuy, na extensão de 76.º graus, é coberta pela nossa lingua, equivalente a 21 1/3 % da redondeza da Terra!

II PARTE

A EPOPEIA DO MAR

Caravella de Cabral

O Cruzeiro Austral [1]

Argonautas do Ideal! A Promissão seduz...
Ide ao paiz do Sonho! *Istar* é Vera-Cruz!

Albino Costa.

Como as aguias, as naus, no Tejo baloiçadas,
Estão prestes a voar ás plagas ignoradas.

—Em seu palacio, El-rei, D. Vasco, Alves Cabral,
Prescrutam as soidões desse hemispherio austral.

Graves, em torno á mesa, os tres, portas fechadas...
—« Não entrem, clama El-rei! Tem alli desdobrados
Os mappas de Frá-Mauro e Toscanelli... Em vão
Se busca penetrar do mar a vastidão!
E sobre os portulões, diz D. Manoel, curvado:
—Sabeis? Castella tem agente seus, cuidado!
Ella só discubriu as ilhas do Occidente,
A mentida a Cypango—a Antilha. O continente

---

(1) Esta ode foi feita á vista do *Regimento* ou roteiro da viagem de Cabral, feito por Vasco da Gama, o qual diz assim:

«... se tornarem antes a ylha de sam nicolau no caso desta necesidade pela doença da Ilha de santiago a popa *fazerem seu caminho* PELO SUL. E se houverem de guynar *seja sobre a* BANDA DO SUDUESTE. E tanto que neles deer o vento escaso *devem hyr na volta do mar ate meterem o cabo da bôa esperança, a* LESTE FRANCO...» (Do regimento dado a

Que o Gama assignalou ao sul, ninguem conhece.
Pacheco ja voltou do Oeste e Nos parece
Que, interminavel, vasto, enorme continente,
Fecha a porta a Cathay das bandas do Poente...
Ao norte, a Terra-Verde, emerge á fria vaga...
Tens arcanos, ó mar, em que razão naufraga!

— Ide, Cabral: levai por derroteiro o Dias...
Tendes do Gama o rumo: abri as gelosias,

Nevoentas do paiz que a derrota assignala.
Demarcai-o. Depois,—ponde prôa a Çofala,
A' Callicut do Kham. Que esse grão Çamorim
Seja vassalo Meu e que se curve a Mim!»

Sorriu. Tenho Guiné e as Indias refulgentes...
Mais que as ilhas do mar: eu tenho os continentes:
Meu reino avassalou mais de metade do mundo!
....

Cabral per Vasco da Gama. Publicado em fac-simile pela 1.ª vez em 1900 com dificiencias. Reproduzido agora com mais claresa na monumental *Historia da Colonisação Portuguesa no Brasil,* de Malheiro Dias, no 1º fasiculo, como legenda de ouro no portico monumental da entrada).

«Até meterem o cabo a leste franco?». Mas se, como se vê num mapa qualquer, é de 33ºS. lat. do Cabo, pôl-o a leste franco, serão 35º. Sabia Vasco da Gama que Cabral não podia navegar no rumo *sul* ou *sudoeste* de S. Nicolau até 35º, porque encontraria terra aos 8º (Santo Agostinho) ou aos 17º como encontrou, a *Cabralia*— Vera-Cruz! Tanto Gama sabia disso, que o avisa, nesse *Regimento,* que Cabral não precisa tomar agua em Cabo Verde, porque — «*como forem na dyta parajeem* (leste-oeste do Cabo da Bôa Esperança) *non lhe myngoara tempo*... com *ajuda de noso senhor*...»

Depois deste documento, só continuará a negar a intencionalidade da descoberta do Brasil — quem preferir o sophisma á verdade historica, provada pelos documentos e pelos factos.

Na alva sequinte, as náus, ao pelago profundo,
Aprôam e la vão, na ignota soledade,
Como as aguias no azul sulcando a immensidade.
Depois, ao longe, alem, nas nevoas do horizonte,
Sob o Cruzeiro Austral, que os nautas illumina,
Surge á proa uma plaga e se desenha um monte,
Como perola á flux da vaga diamantina...

O sol dessa manhã o brumeo véu descerra...
O' divino painel, que surges do escarcéu!...

Inspirado Cabral, para saudar a Terra,
Fez uma cruz igual á que Deus poz no céu!

Rio, 3 - Maio - 1900.

(Da « Gazeta de Noticias » de 6-V-1900

AFFONSO SANCHES

O vendaval nas vergas tem rugidos
Que o marinheiro audaz ouvir cobiça !
E a Historia ainda te não fez justiça,
Depois de quatro seculos volvidos !

Foste o primeiro desses atrevidos
Que a America pisou em dura liça...
Mas a setta do incola, insubmissa,
Te fez volver por mares raivescidos...

— Ias contar ao teu Paiz distante,
As maravilhas das regiões remotas,
Quando o naufragio te colheu, gigante !

—Colombo ! Um Mundo Novo, cujas rótas.
Ahi tens ! . . . Disse o piloto, agonisante:
— Guarda o Roteiro e apparelha as frotas !

Rio, 1900.

VASCO DA GAMA

Parte a frota do Tejo. Manhã clara...
— O que é que buscas nos abysmos fundos?
— Vai — diz-lhe a Patria, vai descobrir Mundos,
Pelo infinito mar, que eu cobiçara!

Jamais humano ser se balançara,
Nas solidões dos pélagos profundos;
Lá, onde estão rugindo os iracundos
Monstros, que a lenda universal creara!

Singres as raias do desconhecido...
Irás colhêr — pelos tufões batido —
O ouro em Çofála, a pérola em Ceylão...

Cathay? Antes Ophyr... Vereis Golconda...
Nesse aureo Oriente colhereis da onda
— Um mundo para o Luso Pavilhão!

Rio, 1900

CABRAL

Tempestade! Tempestade! O' symphonia,
Que o coração do nauta revigóras!
Do vendaval ás musicas sonoras,
Todo o meu ser se alegra e se extasia!

Onde me levas, douda ventania,
Na solidão das vagas rugidoras?
Deus estendeu no ceu tulle de auroras!
Luar de espuma as noites alumia!

Eis Cabralia! Que féerico espectaculo
Da Natureza! o Santo Tarbernaculo,
Aos olhos dos marujos se descerra!

Ceu e floresta toda esta angra espelha...
Cabral e toda a Lusa gente, ajoelha!
— Hosanna... Gloria ao Creador da Terra!

1900.

EPOPEIA DO SUB-MAR

O ESPADARTE (*)

Primeira nave portugueza mergulhadora construida em Portugal por portuguezes

Na ordem das conquistas: 1º a dominação de todos os mares, á superficie, pelas caravelas Lusas.

Seculos depois, o dominio do sub-mar, o reino glauco dos peixes e das perolas! Depois, o dominio dos ares, o reino azul das aguias e das estrelas!

(Albino Costa)

Nesse momento o mar, doudo de assombro, insano,
Com impeto os parceis ás praias atirou,
Vendo um homem descer a oseu profundo arcano,
Na voz do vendaval, surpreso, assim falou:

«—Quem és, que este meu seio inhóspito aprofundas,
Onde o coral floresce e a perola se gera?!
—Não me conheces, mar? Já me chamei *monéra*,
Sahi do lodo vil das tuas plagas fundas!

Circumdavas, então, sombrio, este espheroide,
Qnando, na tua praia, um féto palpitou,
Encheu o mundo, após, chamou-se pythecoide:
Dessa materia vil—saliva ou lôdo—eu sou!—

(*) Escripta 13 annos antes de Santos Dumont maravilhar o mundo dando direcção ao *Demoiselle*, no vôo em torno da Torre Effel. Antes de conseguir o reino das aguias, o homem conquistou o mundo dos peixes.

Em Maio de 1922, diz Santos Dumont ao *Excelsior:* «... Immediatamente, adaptei o motor ao dirigivel que foi

«—Tudo o que me povôa e quanto em mim habita,
Nada respira no ar, nem tu tens a vida em mim:
Diverso é o meu ambiente; a alma que em ti se agita,
Não é minha... Pygmeu! Que enigna és tu, emfim?!

—Eu subjuguei o raio, a electricidade, os ventos,
Falo de um mundo a outro em breve instante; e vou,
Galgando o espaço azul, governo os elementos...
O' fero Adamastor, perguntas-me que sou!

«—E eu dou o chloro, o sódio, o phosphoro, o potassio,
Que vos enrija a fibra, ó organismos frageis!
Julgais o mundo preso em vossas mãos, tão habeis,
E as forças não podeis medir com um cetáceo!...

—Ha milhões de annos vens tragando em tuas garras,
Reinos e gerações, vingo-me agora, Oceano!
Centro de immensa vida... Eu que de ti dimano,
Zombo dos vendavaes que sobre a terra escarras!

Coveiro! Eu fui monéra... o lodo depurou-se,
E essa materia hedionda, ás praias arrojada,
Eterna, universal, no homem transmudou-se
E se dynamisou—no genio conglobada!

---

o Santos Dumont n. 1... Acabei por ter a «Demoiselle», que me pemittia pequenos vôos muitos baixos.

«Mauricio Farman era de opinião que eu jámais conseguiria realizar outros. Uma noite, em seguida a uma aposta, partindo de Saint-Cyr, pousei deante do seu atelier, tendo executado um vôo de uns 30 kilometros por cima de arvores e outros obstaculos. Ganhára. Elle pagou uns vinte almoços ou jantares...

— A's vezes, subo, como passageiro, em um dos aviões da Escola de Marinha e vôo sobre a bahia do Rio de Janeiro. Não sou mais piloto. É preciso saber abdicar. Domingo, tomarei logar,

. . . .

Silencio, irado Mar! Basta de cataclismo!
E's meu! Já posso, emfim, como senhor falar-te!
E, quando me aprouver, passeio em teus abysmos,
Como o fez essa nau dos Lusos = o *Espadarte!*

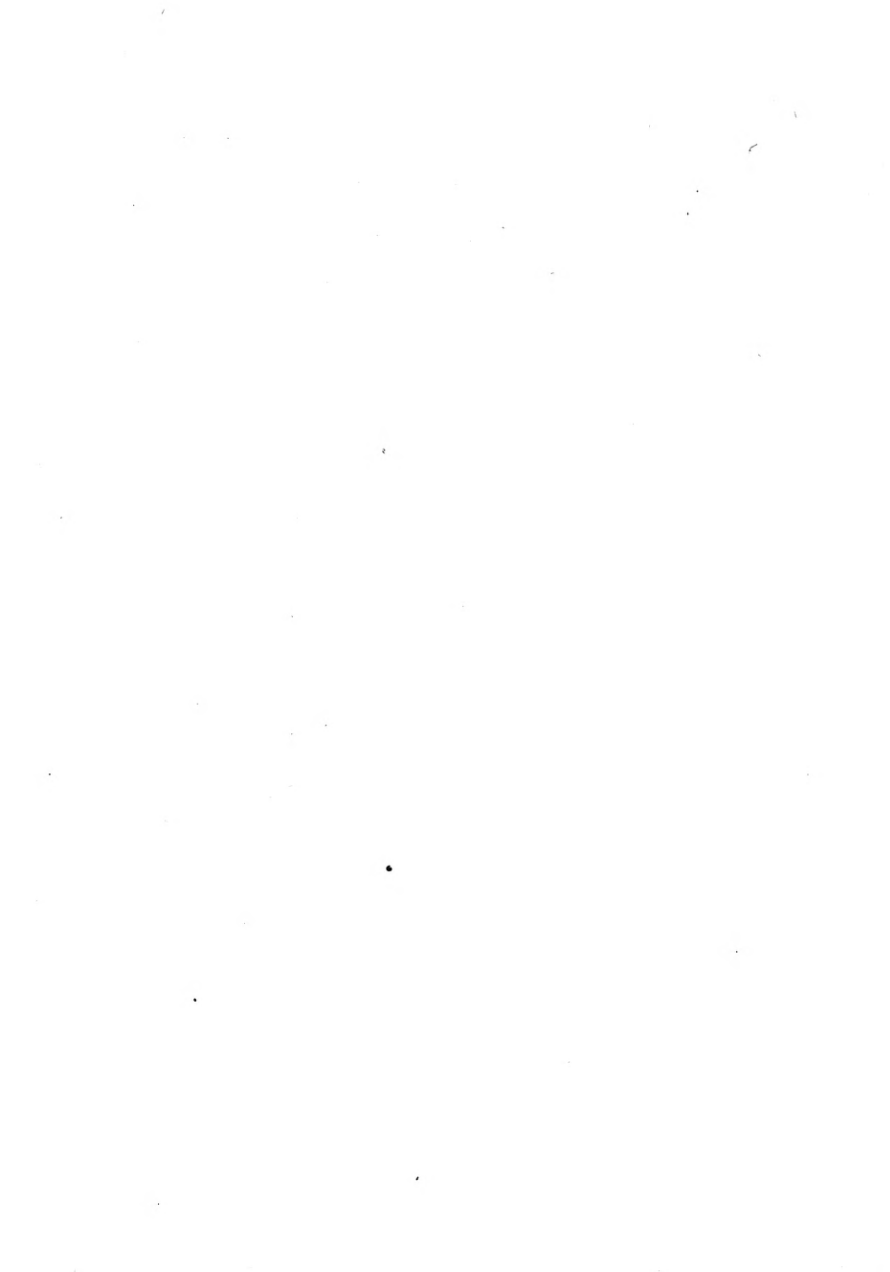
1888 *Albino Costa*

(D'*A Patria*, de Pelotas.

---

como convidado, no espherico do Aero-Club. Isso me fará reviver o passado...»

(D'*O Imparcial* de 26—VI—22

Quanto aos submarinos, a primeira exeriencia fez-se em 1863; depois, Peral, 1888, Goubet experimentou o *Nautilus* hespanhol, que não passou de experiencia. Veio depois um official de marinha portugueza, inventou o *Espadarte*. Foi o precursor das naves submarinas que, durante a guerra, os allemães levaram de Hamburgo a Nova York com anilinas e do Baltico ao Bosphoro pelo Atlantico a afundar encouraçados.

III PARTE

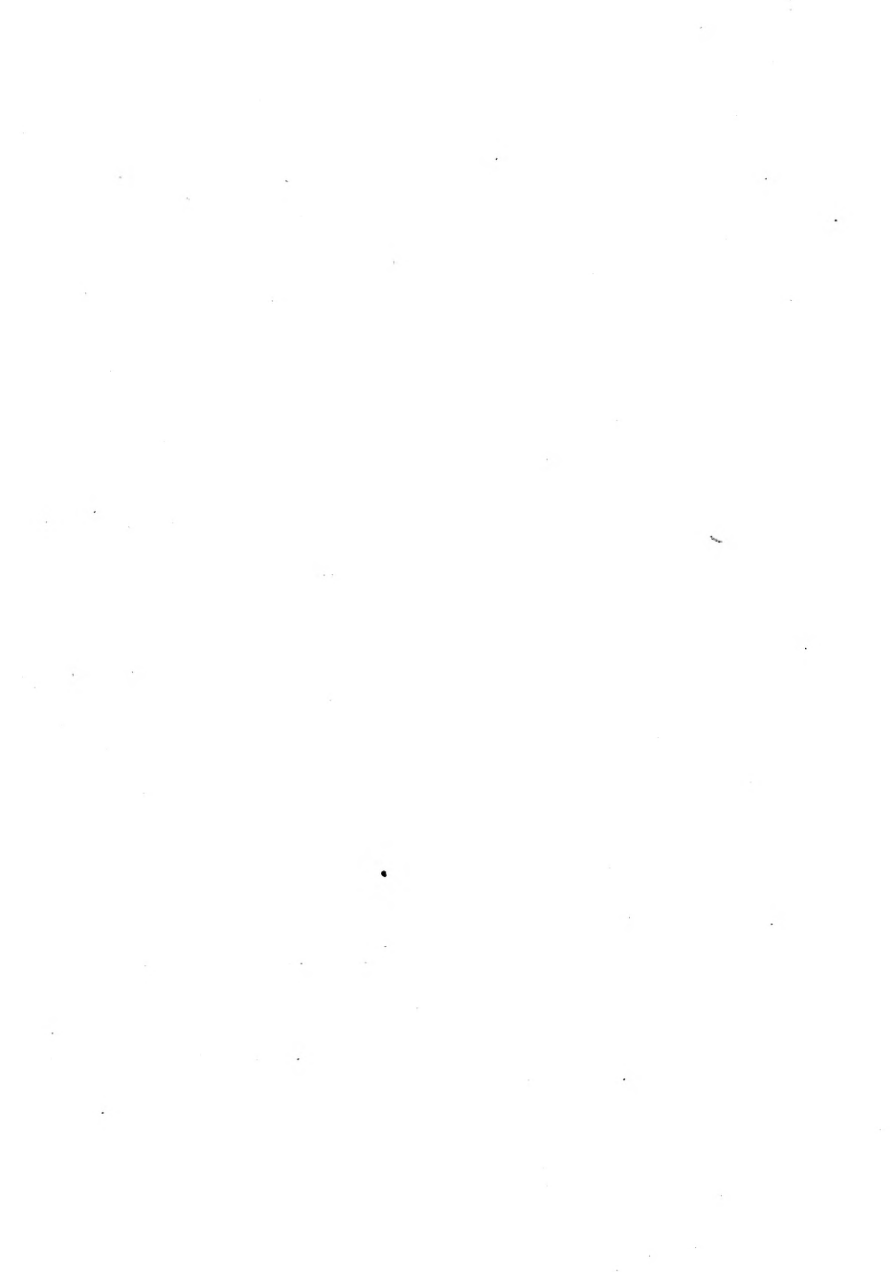
O ABRIR

DAS

PRIMEIRAS AZAS

Subsidios para a historia da

AEREONAUTICA PORTUGUEZA

I Carta ao Snr. Ministro da Guerra, offerecendo um aeroplano em construção.
II Officio do Snr. Ministro, Coronel Correia Barreto, acceitando.
III Carta do Snr. Coronel Sá Cardoso, presidente do Senado, declarando o destino que ia ter o aeroplano.
IV Decreto do Snr. Presidente da Republica, condecorando o A.
V Officio do Snr. General Ferreira Gil communicando que o premio de 400 escudos fôra concedido ao Snr. tenente de cavallaria Alberto Leal Portella.
VI Officio do Snr. Ministro das R. Exteriores do Brasil.
VII O Relogio da torre de Cedrim, dando o porquê o A. doou á Nação um aeroplano.

O Aeroplano Deperdussin

—Monoplano, do ultimo modelo do exercito francez. typo aperfeiçoado 1911. — Sua descripção technica—O contracto do doador com a fabrica Deperdussin. — seu custo, inclusive emballagem e frete até o porto de Lisboa. — A entrega á nação Portugueza, na pessoa do Sr. Ministro da Guerra — *E' o primeiro em data que a Nação Portugueza encorpóra ao seu patrimonio.* (1)

« *Exmo. Sr. coronel Antonio Xavier Correia Barreto,* muito digno Ministro da Guerra. — Albino Costa, filho do lavrador Manoel da Costa, natural de Cedrim, Sever do Vouga, provincia do Douro, cidadão brasileiro desde 1889, pelo aureo decreto com que a grande Republica neo-lusitana da America do Sul, logo ao nascer, incorporou na sua poderosa nacionalidade os estrangeiros então residentes em seu vasto e opulento territorio, tenente-coronel commandante do 18º regimento de cavallaria da Guarda Nacional da comarca de Iguarassú, Estado de Pernambuco, e actualmente em visita ao seu heroico e lindo paiz natal, estando a fazer uma estação de aguas nas caldas da fronteira do Genez, deparando-se-lhe ali o *O Seculo,* que lançara á publicidade a patriotica iniciativa de uma subscripção popular para dotar o denodado Exercito portuguez dos modernos elementos de defesa e vigilancia, consistentes da aviação estrategica, com justiça denominada a

(1) Uma local do *O Seculo* de Junho de 1913, respondendo a outro jornal de Lisboa, declara que até essa data, Portugal nenhum aeroplano possuia a não ser o doado pelo coronel brasileiro Albino Costa.

quarta arma de guerra--deliberou, como bom portuguez, que lhe parece ser, responder a essa iniciativa, adquirindo e offerecendo, elle só, ao ministerio da guerra um aeroplano do typo militar modernissimo, com o qual o obscuro doador, não só deseja solemnizar o seu regozijo por vir encontrar o seu paiz natal em phase renascente de progresso e liberdade como para satisfazer o orgulho da sua alma portugueza, que deseja ver fluctuar no espaço, flamejando ao sol, em uma radiação de apotheose, dominando os ares, o pavilhão portuguez que outr'ora dominou os mares e os continentes da terra. Pelo exposto, o humilde e obscuro filho de Portugal, que esta subscreve, dirigiu-se a Paris, especialmente com o fim de realizar a projectada acquisição. Logo á chegada, assistiu dos Campos Elyseos á passagem rapida de um monoplano Deperdussin. sobre Paris, muito alto e muito firme, no seu vôo para Reims, onde esse apparelho fez as evoluções mais perfeitas, segundo a opinião dos entendidos na especialidade. Por intermedio do illustre representante do *O Seculo*, Sr. A. de Almada Negreiros, foi o doador posto em relação com a fabrica Deperdussin, e escolheu, após miuucioso estudo e confrontação desta com outras marcas em notoriedade, um monoplano dos mais perfe tos dos ate hoje fabricados e que inspira confiança por ser do typo dos adoptados no exercito francez. A preferencia dada ao monoplano, em vez de biplano e de hydroaeroplano, foi devida á velocidade maxima que aquelle consegue e á sua facilidade em subir ás maiores alturas, parecendo, por isso, o mais adequado á vigilancia das nossas altas regiões fronteiriças, onde ha altitudes maiores de 1.000 metros. O apparelho que vae ser entregue a V. Ex. para o serviço do Exercito Portuguez, além do seu uso official no exercito francez, é igual, senão for mais aperfeiçoado, áquelle que serviu

o Vidaret, para vencer as grandes corridas aereas de Calais a Paris e de Paris a Liege e a Roma; da cathegoria do que está dando a Védrines os seus grandes triumphos. Cabem-lhes os «records» da maxima altura e da maxima velocidade até hoje conseguidas. (1)

Com tão bons precedentes, devidamente esclarecido pelo zeloso represențadte do *O Seculo* naquella capital e de acordo com o mesmo cavalheiro, que ali se dedica no estudo da especialidade, foi escolhido sem mais hesitação, um monoplano Deperdussin, do ultimo modelo, servido por um motor Gnome, de 50 HP., com as seguintes caracteristicas que a sua descripção technica regista: resistencia maxima e maxima segurança nas suas manobras. Uma ligeira curvatura geometrica em suas azas, o adapta ás grandes velocidades e plena sustentação no ar, por serem as mesmas um pouco mais largas. A cobertura é de linho extraforte, que, coberta de uma camada de verniz especial se torna inaccessivel a influencias hygrometricas. A sua fixação, feita de fortes cabos de aço, é sufficiente para supportar esforços muito superiores ao necessario. A sua suspensão feita por duas fortes rodas, collocadas ao centro, e outras condições, são communs ao typo do monoplano escolhido. Escolhido o typo com condições de estabilidade e segurança acima descriptas, o que esta subscreve, deu ao referido Sr. Almada Negreiros, os devidos poderes para assignar o contrato com a casa Deperdussin. Este contrato foi assignado e nelle se lê que: « La maison Deperdussin fournira a Mr. Negreiros, dans le delai d'un mois, un monoplan, type militaire, moteur Gnome 50 H. P., inscrit sur le catalogue de la maison, au pris de 24.000 frs. (2) Les épreuves de recéption de l'appareil auront lieu á Issy-

(1) Isto foi em 1912.
(2) O franco nesse tempo a 300 reis moeda brasileira.

les Maulineux avant ce delai d'un mois. Ces épreuves seront celles imposées par le Governement Militaire français. Elles seront faites aux personnes que l'acheteur indiquerá. 3) L'ambalage et le transport pan voie terrestre ou maritime, au choix du vendeur, ser ront faites aux frais de la maison Deperdussin. 4) La maison Deperdussin s'engage á instruire convenablement et gratuitement dans la maneuvre de ce monoplan, le pensionaire du governement portugais á Paris, Mr. Pinto Lima. » E' este o aeroplano que o obscuro filho de Portugal, infra-assignado, vem, muito respeitosamente offerecer ao Ministerio da Guerra, a quem virá consignado, pagas pelo offerente todas as despezas de custo, fretes e seguros, até sua entrada en Portugal, devendo ser entregue a V. Ex. pela empreza do *Seculo* os conhecimentos respectivos e ficando aquella respeitavcl empreza com os plenos poderes para representar o doador, não só perante V. Ex. e o Governo Portuguez, como perante o fabricante que, da mesma empreza, receberá o devido pagamento, estando ella, como já está, para isso devidamente habilitada com o « quantum » ajustado.

O abaixo assignado, vendo resgar-se nos horizontes do seu pais natal nma phase fecunda de renascimento de vida e gloria portuguezas, a começar pela aviação estrategica, roga a V. Ex. se digne aceitar esta humilde offerta que, feita, como é, por um coração profundamente portuguez, não desmerece a dignidade da sua nobre terra natal. E, na illustre pessoa de V. Ex., saúda o glorioso Exercito Portuguez, que vem de consolidar a Republica com os recentissimos louros colhidos no hecoico combate de Chaves — Lisboa, 3 de setembro de 1912 — *Albino Costa.* »

Fala a Nação Portugueza

—Acceitação do monoplano Deperdussin Albino Costa, pelo Exm. Sr. coronel Corrêa Barreto, Ministro da Guerra no bellissimo officio, aqui reproduzido na integra.

« Exm. Sr. — Cumpro um agradabilissimo dever accusando a recepção do officio de V. Ex. de 3 do corrente, agradecendo em nome do exercito portuguez a valiosa offerenda de um monoplano Deperdussin:

Em terra portugueza jamais o brasileiro será, perante o sentir do povo, um estrangeiro.

Superiores ás leguas do oceano que separam os dois povos, unem-os os laços da communidade de raça e de lingua: da Madeira ao Cunene e do Oyapock ao Merim, quasi toda a grande praia Atlantica repercute o echo da lingua de Camões e de Alencar.

Com a mesma intensidade affectiva festejam e sentem os dois povos os dias de gloria e os dias de luto, que consideram communs.

Nos solos das duas patrias, na luta contra ambiciosos invasores, bastas vezes se irmanou, vertido pelo mesmo ideal, o sangue generoso dos filhos de uma e outra: é um brasileiro, Mathias de Albuquerque, que leva o exercito portuguez á victoria em Montijo; em Riachuelo, o almirante Barroso, nascido em Portugal, cobre de gloria a armada brasileira.

No actual momento historico, é altamente significante a vossa offerta; nenhuma outra mais grata seria ao povo portuguez, do qual um dos mais ardentes

anhelos é o completar a organisação da defesa nacional, penhor seguro das liberdades conquistadas e da independencia da terra legada pelos nossos maiores.

A Republica tomou a peito o tornar consciente essa aspiração, tornando possiveis os meios de effectival-a; conta para isso com o nunca desmentido patriotismo portuguez.

E se algum dia, que bem longe venha, elle tiver de ser posto á prova, todo nosso empenho é que Portugal continue a heroica tradição de que está cheia a sua historia de povo livre, que quer continuar a sel-o, de povo compenetrado da magnitude dos meios a adoptar para esse fim,

A victoria pertenceu e pertencerá aos mais aptos e não aos mais numerosos, lêma este que deveria gravar-se com letras de ouro na frontaria de todos os quarteis e na primeira pagina de todos os tratados da arte de gnerra.

Assim, todas as generosas iniciativas, visando a augmentar a aptidão do nosso exercito pelo fornecimento de preciosos meios de acção — como os aeroplanos — tornam-se particularmente captivantes para nós provindo elles, como no caso presente, de um filho de Portugal, cidadão de um paiz irmão.

Por isso, maior que o valor intrinseco, que é grande, é a elevada significação moral da offerenda, que em nome do exercito da Republica Portugueza, me cabe a subida honra de agradecer a V. Ex.

Lisboa, 14 de setembro de 1912 — Exmo. Sr. tenente-coronel Albino Costa — *Antonio Xavier Correia Barreto.* — Ministro da Guerra.

Qualidade e resistencia do monoplano

Fala o aviador Sallés

O Seculo, de 13 de Junho de 1913, ouvindo o aviador Sallés após o desastre do monoplano *Amadora*, de propriedade deste, regista a seguinte descripção do *Deperdussin Albino Costa*:

— «Levei o monoplano para o Seixal, porque desejava conhecer o seu funcionamento e adaptar-me ás suas manobras — disse-nos o sr. Sallés. Em dia e meio *afinei-o* por completo. Quando terminei a montagem, senti imediato desejo de fazer experiencias.

Eram, porém, 20 horas e um quarto. Estava já escuro. Resolvi fazer apenas uma *reta* de uns 500 metros. Mandei preparar o motor pelo meu mecanico. *Larguet*, e, coisa curiosa, senti que o aparelho *me estava nas mãos*. Voluntariamente, mas quasi inconscientemente, deixei-o seguir. Saí do campo, elevei-me a mais de 200 metros, e quando *acordei* da sensação agradavel de pilotar um belo aparelho, estava em cima do Tejo, longe do campo, mas muito longe e perdido d'elle. Segui em direcção a Lisboa, então bastante iluminada, orientei-me pelos meus pontos de referencia e voltei ao Seixal, onde alguns amigos já estavam inquietos. Desci; eram 21 horas e 10 minutos. Em vez de uma *réta* fiz um *vôo*. No dia seguinte ensaiei-o novamente; dois dias depois trouxe-o pelos ares para Belem e na tarde do mesmo dia levei-o tambem pelos ares, para o campo de aviação. E foi assim que tomei conhecimento com um monoplano que ainda não havia pilotado. *O que posso dizer é que o exercito portuguez tem uma primorosa machina de guerra.* Com ela não estava eu tão sujeito a desagradaveis consequencias como estou com o meu velhinho, mas ainda assim fiel *Amadora*.» .

A incorporação ao patrimonio da Nação Portugueza da sua primeira machina de voar.

Em 2 de Novembro de 1921 tive a honra de receber de S. Ex. o Snr: Ministro da Guerra o seguinte telegramma:

«Tte.-Coronel Albino Costa,
Largo da Carioca, 18 — Rio.
Recebi monoplano oferecido por V. Ex. Saudações cordeaes — *Correia Barreto*, Ministro da Guerra.»

Com uma correcção, honradez e delicadeza que me ufano de agradecer em publico, o *Seculo*, em sua edição de 28—X—1912, assim explica a ceremonia da entrega:

«Ao *Seculo* coube hontem a honrosa missão de fazer entrega ao ministro da guerra do monoplano *Deperdussin* que ao exercito portuguez ofereceu, por nosso intermedio, o ilustre coronel brasileiro, o grande amigo de Portugal, sr. Albino Costa.

D'essa missão se desempenharam dois redactores do nosso jornal, que foram recebidos pelo sr. Correia Barreto com todas as demonstrações de simpatia e que lhe ouviram as mais elogiosas referencias pela propaganda da aviação militar iniciada pelo *Seculo* e cujos resultados praticos se afirmam por uma forma tão decisiva.

Acompanhando a entrega, o *Seculo* dirigiu ao ministro da guerra o seguinte oficio:

«Exmo. Sr. — No cumprimento dos termos em que, por intermedio do *Seculo* e associando á subscrição aberta nas suas colunas, o ilustre coronel brasileiro sr. Albino Costa, ofereceu um monoplano *Deperdussin* ao brioso exercito portuguez, tenho a subida honra de passar ás mãos de V. Ex. o documento de remessa d'esse aparelho, que chegou hontem a Lisboa, e as chaves que acompanharam o mesmo documento, congratulando-nos por tão valioso donativo e fazendo votos para que as vantagens praticas da sua utilisação correspondam ao patriotico intuito que animou o *Seculo* a abrir a subscrição e todos os que tão generosa e entusiasticamente para ela contribuiram. — Saude e fraternidade. — Lisboa, 20 de Outubro de 1912 — A sua Excelencia o ministro da Guerra da Republica Portugueza.»

Decreto de 31 de Maio de 1919

Agraciando Albino Costa

Secretaria da Guerra — Repartição do Gabinete

Tendo o cidadão brasileiro Albino Costa instituido um prémio de $400 para ser adjucado ao aviador português que mais se distinguisse em França no serviço da guerra aérea; (1)

Tendo já o mesmo cidadão, em Setembro de 1912, doado á Nação Portugueza um monoplano *Deperdussin* típo 1911, do exército francêz;

Demonstrando estes valiosos aferecimentos um generoso altruismo e acrisolado amor pela terra irmã que foi Pàtria dos seus maiores e o desejo de contribuir para que o exército português fosse dotado dum dos mais modernos elementos de defesa e vigilancia;

Hei por bem decretar, sob proposta do Ministerio da Guerra, que, como preito de gratidão e reconhecimento pelos seus valiosos oferecimentos, o referido brasileiro, Albino Costa, seja condecorado com o grau de oficial da Ordem de S. Tiago da Espada, por se achar nas condições da alinea *i*) do art. 1.º do decreto n.º 5.030, de 30 de Dezembro de 1918.

O Ministro da Guerra o faça publicar. Paços do Governo da Republica, 24 de Maio de 1919. — João do Canto e Castro Silva Antunes — *Antonio Maia Baptista*.

(1 Refere-se a um cheque de 400 escudos (nesse tempo Rs. 1:140$000 em moeda brasileira) do *Banco Ultramarino* de Lisboa, alli recebido pelo Sr. Candido Souto Maior, que entregou sua importancia ao Sr. Ministro da Guerra, enviado por intermedio da Commissão Pró Patria — premio para ser dado ao aviador portuguez, que, em aeroplano portuguez, no Sector Portuguez, maior proesa praticasse na Grande Guerra.

Copia

SERVIÇO DA REPUBLICA

Secretaria da Guerra

1ª Direcção Geral — 4ª Repartição

1ª. Secção — N. 2.741

Exmº Snr.

Tendo o cidadão brasileiro Exmo. Snr. Albino Costa, oferecido ao Govêrno Português, em Setembro de 1912 um monoplano, para o Exercito, do tipo Deperdussin e um premio de 400 escudos para o aviadôr que durante a Guerra Européia mais se distinguisse, atendendo a estes valiosos oferecimentos, encarrega-me S. Exa. o Ministro da Guerra, de dizer a V. Exa. que como preito de gratidão e reconhecimento, foi o citado cidadão, agraciado, por Decreto de 24 de Maio do corrente anno, com o gráu de Oficial da Ordem de San Tiago da Espada.

Mais me encarrega o mesmo Exmo. Snr. de enviar a V. Ex. o adjunto diploma afim de, por este Ministerio ser mandado ao já citado cidadão, dizendo que a insignia respectiva oportunamente será enviada e que o premio de 400 escudos foi concedido ao tenente de Cavallaria e piloto aviador militar, Alberto Leal Portela.

Junto se envia, egualmente um exemplar da O. E. em que vem incluido o Decreto em que é agraciado o já mencionado cidadão.

Saúde e Fraternidade. — Secretaria da Guerra, 3 de Setembro de 1919. — Ao Sr. Director Geral do Ministerio dos Negócios Estrangeiros. — O Director Geral, (a.) *José Cezar Ferreira Gil*, General.

Está conforme.

Repartição do Protocolo e Pessoal Diplomatico, em 4 de Setembro de 1919.

COPIA

Directoria Geral dos Negocios Diplomaticos e Consulares

1ª Secção — 93

Ministerio das Relações Exteriores

Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1921

Illm. Snr.

Em nome do Sr. Ministro de Estado, informo a V. S. que existem neste Ministerio uns documentos relativos á mercê de Official da Ordem de San Thiago da Espada com que o Governo portuguez o agraciou.

Aproveito a opportunidade para apresentar a V. S. os protestos da minha consideração.

(assig.) *L. L. Fernandes Pinheiro.*

Ao Illmo. Snr. Albino Costa
Rua Pedro Americo, 30.

PARA UM RELOGIO UM AVIÃO

O Relogio da Torre de Cedrim

O pedido de meu Pae, de um relogio para a torre; — Os relogios em Portugal e o contracto de compra; — A paisagem do Minho; — A minha prisão no Gerez; — A minha patente militar; — A subscripção d'*O Seculo* para aquisição de aeroplanos; — Minha viagem a Pariz em busca de uma unidade voadora; — Quem deu o primeiro avião a Portugal não foi a pessoa do A. foi o official superior da G. N. do Brasil; — O jubilo portuguez quando a nação recebeu a sua primeira nave voadora.

—Meu filho: se pretendes fazer alguma cousa por Cedrim, prefiras, se poderes, um relogio para a torre da nossa igreja. E' um desejo que nunca pude vêr realisado. Um relogio bom, que regúle as horas das régas, findará as duvidas entre os proprietarios das terras.

E' para a harmonia das familias deste logar e da freguesia, que, te peço, para, se não te for penoso, mandares collocar um relogio na torre. Fecharei os olhos contente no dia em que ouvir bater horas e então doado por meu filho.

— Da melhor vontade, meu Pae, respondi, porém, com uma condição; dá licença que ponha nisso uma condicção?

— Ora essa! Qual é?

Meu Pae fiscalisará a sua installação e pagará ao fornecedor.

Acceito: darás tuas ordens.

Dei-me pressa. No dia seguinte, parti de Cedrim, contentissimo por ter occasião de satisfazer um desejo de meu Pae, uma tão velha e tão justa aspiração do povo da terra onde nasci. Como é bom dar alegria aos corações amigos!

Informei-me em Albergaria Velha e no Porto.
Soube, com surpreza que, em Portugal, só se fazem relogios de machinas de aço, as quaes, expostas ao tempo, no exterior das torres, enferrujam-se e regulam sempre mal.

Era preciso construil-os de bronze, mas desses, só havia no mundo uma fabrica de confiança; a de Paul Obey Fils, de Paris.

—Em Portugal, parece que só em Braga se fabricam desse genero, concluiu o informante.

Corri a Braga. Tendo intenção de fazer uma estação de aguas nas Caldas de Gerez, ficava-me em caminho.

De chegada, dirigi-me á melhor relojoaria da cidade. Seu proprietario, profissional habil na construcção de relogios de torres e edificios publicos, confirmou plenamente a informação que me dera o seu collega do Porto.

—Nós aqui só os fabricamos com machinas de aço. Se V S. quizer servir bem o seu povoado, terá que fazer vir do extrangeiro um relogio construido em bronze.

Aqui está o catalogo da unica fabrica franceza que conheço.

Custam muito caro, 200$000 réis, moeda portugueza, lá na fabrica.

Frete, direitos de importação, conducções até Cedrim e montagem na torre, pode, tudo incluido, andar por 100$000, moeda nossa.

Posso encarregar-me. Em trez mezes darei o relogio prompto a dar horas na torre de Cedrim.

Fechei contracto, depositando desde logo, no Porto. no banco da firma Borges & Irmão 200$000 do valor do custo na fabrica, á ordem do meu Pae, para que este pagasse, depois de installado.

No dia 16, á tarde, chegava eu ás caldas de Gerez, pela excellente estrada que corta uma deliciosa paisagem, atravez de povoados rusticos e campos que são interminaveis seáras, jardins e pomares, com os seus parreiraes immensos, carregados de cachos pendentes, cujos bagos avermelhavam num começo de maturescencia.

Havia alpendrados immensos, de latadas, em superstructuras de ferro, formando altos doceis de folhagem verde-claro, carregados de uvas; havia casas rusticas occultas entre sébes perfumadas; rios, fazendo rasgões extensos nos campos verdes; cachoeiras. sussurrantes despenhando torrentes, que o sol, passando atravéz, crystalisava em caudaes dos mais puros diamantes

Proximo a um povoado, mandei parar o automovel para contemplar um lanço da paisagem.

Havia na estrada, branca e lisa, farrapos de sol dos claros da folhagem; retalhos de céu azulando acima da cópa

do arvoredo; rasgões na paisagem, ao longe, no fundo do boqueirão, pelo crystal dos ribeiros azulados, em cujas cachoeirinhas, o sol parecia cantar, crystalisando; nodoas pardacentas das penedias no verde infinito da cordilheira! E' o Minho, na sua pompa de vida, que se renova, que se remóça, rejuvenescente, murmure, fulgida, glauca, glabra, álacre!...

Gloria! E' a natureza genuflexa a rezar ante o azul das alturas, onde Deus parece sorrir abençoando a sua obra!

E, lá de cima, desde as altas collinas até aos fundos valles, as terras cultivadas, formavam uma alfombra infinitamente verde, na apothéose do sol, sob um céu infinitamente azul! O' coração do Minho! Que formoso és!

O automovel corria pela estrada fóra caracolante nos declives fortes da serra. Um intelligente companheiro que o chofeur pedira licença para conduzir no auto, ia-me explicando delicadamente tudo o que encontravamos de mais raro. pois elle conhecia toda aquella esplendida região minhota. Era o Senhor Antonio Monteiro Morgado, de Vilar Formoso, negociante na cidade de Santos, Brasil.

—Lá está S. Pedro da Porta-Aberta, disse-me elle, em cuja torre ha um carrilhão de 14 sinos, tocando todas as peças de musica que o viajante quizer.

O mestre sineiro é o mesmo que fez a montagem do carrilhão da matriz de S. José, do Rio de Janeiro.

Iremos lá, a vêr se elle toca o hymno Brasileiro, respondi.

—E o Portuguez! accrescentou o meu ardoroso interlocutor.

Chegamos ás Caldas. Que linda esta paisagem do Gerez! encastoada numa funda garganta da cordilheira que divide terras do Minho com as da Galiza!

Nesta mesma tarde, 16 de Julho, transmitti a meu Pae o seguinte telegramma:

«Participo relogio para torre Cedrim está encommendado extrangeiro. Podeis noticiar vossos amigos dentro de 90 dias o ouvirão bater horas.

Abraços, Martins, Augusto, Fernando, padres Joaquim e Arthur. Benções ao vosso filho — *Albino*.»

Havia fortes contigentes de forças militares aquarteladas na povoação do Gerez, em quarteis provisorios. Já em Braga me havia attrahido a attenção, desusado movimento de tropas.

Na manhã seguinte, madruguei para admirar o garbo, o porte marcial dos soldados da Republica.

Eram, na sua maioria, rapazes do campo, chamados ao serviço, e que estavam ainda, quasi na generalidade, no seu primeiro anno de praça.

Pude apreciar-lhes o garbo militar e o enthusiasmo pelas armas.

—Onde está, pergunto eu, a mim proprio, a apregoada aversão do portuguez pela farda ?

Findo o almoço, que o regimen dietico das Caldas obriga a effectuar-se ás 9 horas, sahi a percorrer a povoação.

Ia, sob as alamedas lateraes á unica rua, uma bella rua copada, a olhar a folhagem das variadas arvores de uma aléa, a vêr se as distinguia botanicamente, sem reparar que me encontrava junto a um grupo de militares.

Um delles, adeantou-se, seguido dos outros:

— Faz-me o favor de dizer o seu nome, disse o primeiro com uma voz agradavel, dirigindo-se a mim cortezmente ?

— Albino Costa, respondi.

— Siga-nos ! ordenou imperativamente o mesmo militar.

— Seguil-os ? ! Peço licença para dizer que estou mal acostumado. Ha muitos annos não recebo ordens de ninguem. Os meus amigos, quando precisam de mim, pedem, não ordenam, disse eu, sorrindo convencido de que me estavam confundindo com algum outro viajante...

— Sim ? ! fez elle, ironicamente.

E logo, mudando de tom, imperativo:

— Está preso. Levem este senhor ao quartel, ordenou aos seus companheiros.

— Peço ainda licença para declarar-lhes, disse-lhes, então, mais formalmente, que sou portador de uma patente militar, que me não permitte ser preso por praças de pret, sem desrespeito á mesma. Bem sei que estou em paiz extrangeiro, onde esta patente não dá immunidades, mas, é costume entre nações amigas, respeitar se a graduação de officiaes extrangeiros que occasionalmente se encontram, como eu, de visita a outros paizes.

— Nós não somos praças de pret, disse o mesmo militar.

Eu sou o tenente João Luiz de Moura, commandante da força aqui destacada; este senhor é o tenente commandante do destacamento de X..., e (deu o nome do logar, mas não o guardei de memoria); este é o alferes Martins, meu ajudante.

— Mas, se sois militar, disse o tenente commandante do destacamento de X, deveis saber que a autoridade do estado maior, que nós aqui representamos, supre vantajosamente a insufficiencia de postos que houver em cada um de nós, para tornar effectiva a vossa prisão.

Verifiquei, então, que, effectivamente, elles tinham nos hombros as pequeninas divisas de ouro, indicativas dos seus postos. Alem da distincção de suas pessoas, essas divisas eram o unico destaque que os differençava do commum dos soldados.

— Está bem, respondi. Não me será desagradavel acompanhal-os. Ao contrario, aproveitarei um bello ensejo de conhecer de perto os bravos defensores da republica Portugueza; porém, não tendo, em sã consciencia, complicação com a republica, nem no Brasil, de onde cheguei ha dias pelo paquete «Oronsa», quanto mais em Portugal, onde não conheço ninguem, a não ser meu Pae e meia duzia de amigos em Cedrim; acho mais razoavel os senhores fazerem-me o favor de vir commigo ao «Hotel Maia», onde verificarão, pelo meu archivo, que estão enganados. Estão, com cortesa, tomando-me por outrem, conclui, convencido de que aquillo não podia ser commigo.

— Não, senhor, interrompeu o commandante, sem irritação, mas com firmeza: E' a V. Exa. que tenho ordem de prender.

V. Ex. sabe o que é, na nossa classe, o cumprimento de ordens. Eu estou representando o general commandante da Divisão e V. Ex. irá acompanhado destes senhores officiaes, certo de que não perderá nada com isso. Se não houver motivos, como diz, tanto melhor: faremos vêr isso ao general e elle o mandará pôr em liberdade.

— Nesse caso, estou prompto a acompanhal-os. E' um episodio inedito, muito interessante, de minha viagem a Portugal... Devo, entretanto, declarar que não sou do exercito brasileiro. Pertenço a uma milicia de reservas que só é mobilisada em casos extremos: porém, conheço a autoridade que emana da collectividade: um sargento, com uma escolta, prende um general, sem faltar á dignidade dessa alta patente. Vamos, entre camaradas defensores da republica, sinto-me bem.

Estou entre irmãos.

— Acompanhem este senhor e esperem-me lá, que eu irei breve, disse o commandante.

Chamou um outro official, de modo que eu fiquei entre trez delles.

Estava tranquillo. Não podia, desse incidente, resultar-me incommodo maior. E, no intimo, comecei a achar interessante este inesperado lance, quipróquó, equivoco ou que melhor nome tenha, que me dava o gosto de pôr-me em communicação com o exercito da defesa republicana. Tive vontade de rir.

Que feliz e inedito incidente, ia eu pensando, sentindo inexplicavel satisfação por vêr-me alli prisioneiro dos defensores da republica! Porque tinha eu vontade de rir?!

Era a consciencia, meu Pae e meus conterrancos de Cedrim! Feliz dos que andam bem com ella. Imaginei logo contar-lhes todo este bello incidente, que se transformará em lenda original para a historia do relogio da torre de Cedrim.

Marchamos, pela avenida, ladeada de arvores de folhagem graciosa, de varios tons de verde e de forma vária, que vai dar ao fim da povoação, do lado da Portella do Homem. Meus companheiros eram tres officiaes moços, insinuantes, fortes, de bello porte marcial, que me tratavam com uma manifesta deferencia. Parece que as minhas palavras: « estou entre irmãos », entraram-lhes pelo coração. Havia caricias nos olhares que me lançavam; nas suas fallas, poucas, sómente em resposta ás minhas perguntas, havia tons de cordura respeitosa.

Pouco distante da linda povoação, havia uma casa grande, do tempo antigo. Era o quartel provisorio.

Estava cheio de soldados em promptidão, armas embaladas, mochila, e cartucheiras ao lado. Ergueram-se em continencia aos officiaes, com um garbo e um desembaraço de movimentos, que era um encanto vêl-os: vermelhos, robustos e desenvoltos; imponentes, no seu tom marcial.

Entrado na Secretaria do commando, não pude deixar de bradar-lhes:

— Bravos, rapazes! Promptos para dar caça ao invasor, não é assim?!

Tomara que, emquanto eu aqui estiver, surja alguma necessidade estrategica, que vocês hão de me vêr correr ao vosso lado, como soldado raso, em defesa da Patria. Verão como sei dar tiros!

Effectivamente estava eu numa disposição de espirito singular: desejava isso! O' poderosa sugestão do meio!

— Se V. Exa. nos desse essa honra, não havia de ir como soldado raso! respondeu-me, levantando-se, um sargento que estava escrevendo na Secretaria.

— Chegamos, disse o mais graduado dos trez officiaes. V. Exa. sente-se e esteja a seu gosto; esperemos ordens do commandante, que não deve tardar.

Sentei-me um pouco, entretendo a mais agradavel e instructiva conversação com os officiaes, que me explicaram a manobra de Paiva Couceiro e como se deu o combate de Chaves, occorrido dias antes.

Mostraram-me, em mappas estrategicos, muito bem feitos, as condições da região, de cumes e boqueirões rasgados dificil de vigiar, das fronteiras montanhosas do Gerez, onde ha muitos pontos inaccessiveis ás manobras da cavallaria e muito mais á artilharia.

— A republica reorganisou o exercito sobre bases modernissimas, continuou o tenente commandante do destacamento de X. A' chamada para a Escola de Repetição, concorreram 60.000 rapazes, mas o Ministerio da Guerra dispensou 15.000, formando por emquanto só 45.000.

« Foram creadas escolas de instrucção militar de todas as classes: centraes para officiaes; de applicação de engenharia; de tiro de artilharia e de infantaria. Ha já vinte sociedades de instrucção militar preparatoria. O nosso arsenal do exercito está apparelhado para o fabrico de espingardas e em breve o estará para todos os pertences das etapas, cantis, marmitas, etc.

« A Intendencia está fazendo experiencias para obter uma sopa militar de comprimidos, typo Knorr, sub-comprimidos de café, de cha, de sal, destinados ás rações da reserva: estuda tambem a preparação da ração de forragem de campanha, em comprimidos: A Manutenção Militar está habilitada a fabricar por dia uma media de 20,000 rações, na sua séde em Lisboa; 10,000 na sucursal do Porto; 4,000 na de Coimbra; 2,000 na de Elvas e 1.600 em cada uma das de Chaves e Bragança.

« E' um resurgimento, continuou o tenente X. E' uma renovação vital em todo o organismo republicano. E a republica ha de triumphar, ha de ir por diante, levantando o nome de Portugal á altura que lhe cabe entre as nações do Globo ! »

O illustre official enthusiasma-se, falando com ardor.

Muito bem ! clamei eu: Portugal, não deve deixar de ser o que sempre foi: o generalissimo duque de Wellington, apóz a tomada de São Sebastião, disse que os portuguezes eram os melhores soldados da Europa. Elles foram sempre assim, em todos os tempos da historia, em Portugal, no Brasil, na Asia.

A informação intelligente deste official sobre instrucção militar, coadjuvado pelo meu estudo pessoal sobre a região, foi, em verdade, o que me decidiu á escolha, que mais tarde fiz, de um monoplano militar, em vez de biplano. Verifiquei que em quasi todas aquellas serranias, havia, no alto, formosos plainos, ou cumiadas achatadas, onde, não o biplano, que precisa grande espaço para aterrar, mas o monoplano, podia á vontade descer e reerguer vôos, mediante qualquer pequena limpesa do solo em uma centena de metros.

Foi, como disse, a conversação estrategica com os meus instruidos detentores, que me levou a attender a este importante detalhe topographico.

Sinto infinitamente haver-se extraviado a carteira de notas onde inscrevi o nome do distincto tenente commandante do destacamento de X, para mencional-o aqui, como homenagem á sua bella instrucção e ardor militar.

Do digno alferes ajudante do commando no Gerez, só me ficou de memoria o nome de Martins.

O commandante, que effectuou a diligencia habil da minha prisão, era o tenente João Luiz de Moura, a quem a sua heroica patria pode confiar qualquer commissão milindrosa, que receberá desempenho honroso.

Uma hora depois da minha chegada ao quartel, chegou o commandante. Num lance de vista, notou a cordealidade que se fizera entre os seus commandados e eu. Sorriu.

Breve sentou-se. Tomando um tom formal, e mandando os outros sentarem-se á mesa, interrogou-me:

— Sabe porque está preso?

— Não, senhor, respondi com curiosidade.

E' por causa do seu telegramma ao Sr. seu Pae.

Explicou-me que esse telegramma havia ido ao exame do commando em chefe, e seu teor lhe fora transmittido, pelo general, com ordem para effectuar a prisão do seu auctor.

Pediu-me o provecto official, que nesse momento assumira a presidencia do conselho de investigação, a que me ia submetter, que eu explicasse, de modo completo, as palavras desse telegramma. Como é que eu, numa terra de bons relogios, como Portugal, fôra encommendar do extrangeiro um relogio, que devia bater horas dentro de 90 dias?

— E que padres são aquelles, continuou, a quem mandava abraços? Quem são os cidadãos a quem V. Ex. communicava a encommenda do relogio?

— Ah! Então é ao relogio para a torre de Cedrim que eu devo a graça de estar de visita a este quartel!

E deitei a rir, quebrando a solemnidade do interrogatorio, com a minha excellente disposição de espirito.

Expliquei então a origem da compra do relogio: que fôra em satisfação a um pedido de meu Pae, fiz-lhe notar que o commando da Divisão, tendo sua séde em Braga, podia mandar vir á sua presença o contracto que deixei firmado na «Relojoaria Franceza» dessa cidade, com o senhor Manoel Vicente Henriques para essa encommenda; lá veria o praso da entrega, em que o fornecedor se obrigava a fazel-o bater horas. Quanto aos cidadãos Augusto, Martins e Fernando, no telegramma mencionados, são os membros da Junta Parochial Republicana de Cedrim: Augusto Fernandes Gomes, presidente; Manoel Martins Jorge, thesoureiro; Fernando Gomes, e Manoel Martins da Costa, secretario e auxiliar da Junta.

Os padres, a quem eu mandava abraços, são os meus primos, Padres Joaquim Tavares Dias e Arthur Dias, seu sobrinho. Com estes eu não havia fallado em politica, mas a prova do seu acatamento á Republica, era o facto, que eu presenciara, dos respeitaveis prelados lêrem aos fieis, á hora da missa, um edital do Governador Civil.

Com a clareza da minha explicação, os pundonorosos officiaes sentiram-se mais á vontade commigo.

Haviam comprehendido que eu era um correligionario, apesar da minha situação de cidadão da republica brasileira me impedir de envolver-me na politica dos dois partidos em que se bipartia o sentir da minha patria nativa. Os dois symbolos: o da corôa e o do barrete phrygio abrigavam patriotas ardentes, cada um dos quaes convencido de que a felicidade da patria estava do seu lado. Eu, como jornalista, na minha mocidade, tinha combatido pelo advento da republica no Brasil, e na imprensa das cidades do Livramento e Pelotas, no Rio Grande do Sul, fui *leader* do movimento social que libertou os escravos. Tinha, pois, tradições pelo barrete phrygio.

— Vou redigir o telegramma, diz o commandante, que enviarei, com a explicação de V. Exa. ao general commandante da Divisão.

—O que V. Exa. me parece que é, é um patriota. Acredito que, pelo teôr do meu telegramma, o general não demorará a enviar ordem de soltura.

Nisto, vieram chamal-o. Era um sargento que trazia na mão uns papeis, os quaes, pelo desalinho, me pareceram ser

do meu archivo. Vi, mais tarde, que não me enganei! Haviam dado em minha bagagem, minuciosa busca, depois de intimado o dono do Hotel a franqueal-o á escolta que fizera essa diligencia, encontrando minhas malas abertas na forma dos meus velhos habitos.

O commandante, tendo sahido a attender ao sargento, voltou, e, chamando um a um os officiaes presentes, retirou-se com elles a conselho secreto.

— Como? Foram reunir-se em conselho secreto! Que demonio quererão elles? Encolhi os hombros. Façam o que quizerem.

Pouco depois, abriu-se a porta principal da Secretaria, e a officialidade, com o commandante á frente, entrou.

Com uma continencia muito correcta e respeitosa, o commandante, proferiu mais ou menos, estas palavras:

—No archivo de V. Exa., que o dever de militar vigilante, obrigou a mandar examinar, encontramos uma patente de tenente-coronel, commandante do 18º Regimento de Cavallaria da Guarda Nacional do Brasil. Temos, pois, a honra de nos encontrarmos em face de um official superior militar da grande republica Brasileira, nossa irmã e amiga, que primeiro nos ensinou o caminho da liberdade. A essa nação, cujo progresso e grandeza nos enche de orgulho, por ser feitura dos nossos antepassados, povoada por nossos irmãos de raça e de lingua, saudamos na pessôa de V. Exa.

Respondi, agradecendo, do melhor modo que me foi possivel.

Disse-me então o illustre militar, que resolvera, em conselho de seus collegas, dar-me uma collocação mais digna da minha pessoa, até que S. Ex. o general commandante da Divisão resolvesse sobre o destino a dar-me.

— Não se encommodem commigo; estou muito bem aqui, no Estado Maior da força do vosso commando. Peço não usarem commigo concessões particulares. Estou bem.

— Qual Estado Maior; isso é bondade; V. Exa. vai ser posto em seus aposentos do Hotel, onde permittirá collocar uma sentinella, até que chegue a resposta do general ao meu telegramma, que não deverá tardar. V. Exa. terá paciencia, de não sahir dos seu aposentos emquanto não vier a resposta.

Sahimos. Eu, no meio dos officiaes, ia pela rua, tão satisfeito, que mals parecia um irmão de armas victorioso, do que um prisioneiro.

A população aquatica estadiaria e a da povoação, estava alarmada, olhando-me como um monarchista perigoso, a cujo fuzilamento presumiam ir assistir!

Entramos no « Hotel Maia », indo direito aos meus aposentos. Lá chegando, o commandante João Luiz entregou-me á sentinella e recommendou a esta, que cumprisse o seu dever, procurando não molestar o prisioneiro sem necessidade; e, despedindo-se, retiraram-se.

A sentinella postou-se no quarto do lado de dentro da porta, de pé, arma embalada á mão. Offereci-lhe uma cadeira para sentar-se.

— Obrigado, respondeu-me com maus modos, voltando a cara para o outro lado.

Peguei de um livro e deitei-me.

Posso afiançar a meu Pae e aos honrados conterraneos da freguezia de Cedrim, na Junta Parochial, que nunca, em dia algum de toda esta longa viagem, dormi uma sesta mais socegada do que a desse dia, com uma sentinella á vista, de carabina embalada, postada de guarda ao meu corpo, disposta a *cumprir seu dever, caso houvesse necessidade!*

Accordei-me ao chamado da mesma sentinella, debruçada sobre mim, quasi a tocar-me o hombro:

— O'! senhor! O'! senhor! estão a bater...

Abri os olhos.

— Entre, quem é, gritei da cama.

Eram os mesmos officiaes, que vinham declarar-me que ficava posto em liberdade, e devolver-me os documentos do meu archivo. Receberam do general commandante em chefe das forças em operações o seguinte telegramma, que o commandante João Luiz leu:

« Commandante do destacamento — Gerez:

« Deveis pôr em liberdade o cidadão Albino Costa por se provar serem verdadeiras suas informações — (a.) General Commandante da Divisão ».

Acabada a leitura, pediram-me desculpa e retiraram-se. Eu, despedindo-os, disse-lhes:

— Os senhores são moços, militares preparados e pondonorosos, que têm deante de si um grande futuro: vêde no meu exemplo, a fortuna de quem anda sempre agindo com a sua consciencia: resolve superiormente todas as crises da vida, quaesquer que ellas sejam, como me vistes resolver a minha crise de hoje.

Eu considero feliz este incidente, não só porque me deu ensejo de fornecer um exemplo salutar do quanto vale a calma e a verdade, que sempre triumpham, como, principalmente, por me haver posto em contacto com um distincto grupo de officiaes do exercito portuguez, que ainda ha poucos dias, na jornada de Chaves, se revelou apparelhado para a defesa da patria, na altura de sua nobre missão politica e social.

Com um abraço cordial em cada um, os dignos officiaes sahiram, indo eu acompanhal-os até á porta do hotel.

....

Por esses dias, chegaram ao Gerez os jornaes, entre os quaes, o *O Seculo* de Lisboa, convidando os patrioctas a concorrerem á subscripção nacional para offerecer ao Governo aeroplanos destinados a defender a patria.

No *Hotel Maia*, todos subscreveram, menos eu, que tomei uma resolução extrema.

Sem consultar a ninguem, e, muito menos ao meu querido Pae, cujo espirito de profunda logica, de rectidão mathematica, não me foi dado herdar, — terminada a estadia quinzenal das Caldas, embarquei para o Porto.

Do Porto, tomei passagem directa para Pariz, a indagar se me seria possivel adquirir um aeroplano, uma unidade completa, para offerecer á patria portugueza, — não no nome pessoal de Albino Costa, mas no do Tenente-Coronel da Guarda Nacional do Brasil, cuja patente, portadora da soberania brasileira, fôra, — por uma lusida e illustre fracção do exercito portuguez — tão dignificada, que eu vi, por momentos, num vislumbre de gloria, — a alma da Patria Brasileira, que anda encarnada, em mistura com a da Patria Portugueza, nos globulos rubros do meu sangue, — corporificar-se, toda inteira, no escudo armilhar que decóra a mesma patente, e nos caracteres da letra do presidente Campos Salles, que a bordam e assignam. Esta soberania brilha tambem nos galões e dragonas da minha farda, que tenho o dever de honrar em qualquer parte que eu esteja.

(Retiro desta carta a parte referente á minha chegada a Pariz e consequente escolha do avião por intermedio do illustre representante do *O Seculo*, de Lisboa, Sr. Almada Negreiros, por estar esse assumpto relatado na carta de offerta a folhas 39-42 deste livrinho.)

O que eu não sabia, — meu velho e honrado Pae, — é que o meu despretencioso gesto, viesse emocionar tão sublimemente a Alma Portugueza, a encantadora Alma Portugueza,

—que na praça mourisca do Campo Pequeno de Lisboa, onde com uma lotação muito excedida, na festa tauromachica que me foi offerecida, 15.000 pessoas, puzeram-se em pé e descobrìram se, á minha entrada no camarote! 30.000 mãos a bater palmas. numa glorificação que tocava ao delirio! 15.000 corações, num illimitado transporte de enthusiasmo patriotico, beijavam o coração do vosso obscuro filho!

Foi assim no theatro, *Collyseu e no Avenida,* quando eu entrei num camarote, acompanhado por S. Exa. o Sr. Ministro da Guerra: todos os espectadores se levantaram na plateia, nos camarotes, e até os artistas em scena a bater palmas em homenagem ao humilde filho de Cedrim. Foi quasi assim nos outros theatros de Lisboa, em espectaculos a que tive a fortuna de assistir; nas agglomerações das ruas; no formoso passeio pelo Tejo, em vapores engalanados em arco; nas sessões das sociedades patrioticas, onde se destacou a *Federação Republicana*, assentando-se ao meu lado o illustre Ministro de Extrangeiros e o ajudante de ordens do Sr. Presidente da Republica; banquete no Monte Estoril, dando-se-me a subida honra de collocar meu velho Pae na cabeceira presidindo á mesa. Foi assim nas apotheóses das *Revistas de Anno*, representadas nos theatroc do Brasil e Portugal.

Que doce, que grandiosa e magnanima compensação, por tão pouco que eu fiz!

Eu, ó meu Pae! Recebendo estas caricias da Alma de Portugal — que é o desdobramento da minha Alma, pensava em Ti, nos teus cabellos brancos, na flor de alegria que no teu velho coração desabrochasse a sorrir — como papoula vermelha em campo ceifado!

Pensava, ó meus conterraneos de Cedrim: que as cinsas sagradas dos nossos avós se erguessem, de sob as lapides da Igreja e das velhas sepulturas do adro, e por um milagre de Deus, — retomassem os seus corpos humanos e ao repicar dos sinos da torre, sem sineiro, — batessem palmas, dizendo baixinho, em tom de oração: Hosanna, meu filho!

Avé, meu irmão!

Lisboa, 15 de Dezembro de 1913. *Albino Costa*

P. S. — Este e outro artigo de um livro, que não sei se terminarei, foram lidos num dos encantadores serões intimos do lar de meu primo, general Fernandes Costa, que allude a elles no bello *Post-Scriptum* do meu *Cedrim.* Meu Pae, não o pôde mais lêr, nem Fernandes Costa o lerá mais! Uma pesada pedra tumular se interpôz entre os seus olhos, tão meus amigos, e a minha saudade!

Commissão Parochial Republicana e A. de Cedrim

Resumo da acta, de 7 de Dezembro — 1913, com que abro exepção, dando aqui cabida a esta homenagem de Cedrim, por ser a terra natal que fala. Em outro livro, virá o registo da minha gratidão pelas grandes homenagens que recebi em Lisboa e em outros logares. Eis a acta:

«Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior, o Sr. presidente, communica que, encontrando-se nesta freguesia o nosso conterraneo e grande patriota, coronel Sr. Albino Costa, que a custa do seu braço conseguiu enriquecer-se intellectualmente, a ponto de como ninguem, saber honrar a terra que lhe serviu de berço e a Patria que o fez portuguez; que em virtude da offerta ao exercito de Portugal de um monoplano *Deperdussin*, que tanto honra esta terra, por partir de um cedrinense; que por estes factos, não especialisando as ofertas feitas por S. Ex. a Cedrim — propunha para, nesta acta ser lançado um voto de louvor a S. Ex. e que esta Commissão vá encorporada dar a S. Ex. as boas vindas em nome de Cedrim, o que foi aprovado por unanimidade... E não havendo mais nada a tratar, o presidente encerrou a sessão no fim da qual se lavrou esta acta, que, depois de lida em voz alta, por todos foi assignada.

Augusto Fernandes Gomes, Presidente;
Alexandrino de Bastos, Vice-presidente,
Manoel Martins Jorge, Thesoureiro;
Joaquim Martins de Mattos, Vogal;
Manoel Martins da Costa, Secretario;

ERRATA

O leitor intelligente corrigirá os muitos erros que escaparam á revisão. Entre estes, porem, cumpre resalvar:

O do verso 17 da pag. 15 onde se diz: « Fiquei só, neste deserto », leia-se: « Fiquei eu só, neste deserto, desolada !

Na nota de fls. 35 foi o nome Goubet posto fora do seu logar. A 1.ª experiencia de que tenho noticia, feita com um barco submarino, foi o de Goubet, 1864, França. Depois, Peral, na Hespanha, em 1888.

Post-Scriptum

Fecho de ouro para o presente livrinho, deu-m'o o illustre scientista, Almirante Gago Coutinho na grande Sessão Civica celebrada no theatro Lyrico, no noite de 21 de Junho findo, com a fidalguia de um gesto que não posso deixar sem registo.

Depois de recitada a *Epopeia do Azul*, em quanto a luzida assistencia, que encheu todo aquelle grande theatro, teve a extrema bondade de chamar á scena o auctor, confundindo-o com os seus vivos applausos, S. Ex. teve o seguinte gesto que o *Jornal do Brasil* descreve em seu numero de 23 deste modo:

«A proposito devemos accrescentar que depois de recitado o magnifico trabalho do Sr. Albino Costa, o Almirante Gago Coutinho, tirando o laço de fita verde escarlate que envolvia o original que lhe fôra offerecido pelo autor, collocou-o na lança que guarnece o estandarte do Orpheon Portuguez, sendo neste momento executado pela banda da referida associação *A Portugueza*, ouvida com enthusiasmo pelos presentes.»

Esta encantadora deferencia ao despretencioso trabalho do autor, deu assim, logar a um numero imprevisto no programma da brilhante festa, que foi a enthusiastica audição do hymno portuguez tocado pelo *Orpheon* em homenagem ao gesto do victorioso scientista.

Os originaes de *A Epopeia do Azul*, foram entregues á typographia a 8 de Junho; do poema foi feita uma edição a 18, de 10 exemplares, dois dos quaes entregues aos aviadores Lusos a 21, na festa do Theatro Lyrico.